

Matheus Scremin Magagnin

**PAULO E A CRUZ:
CONTEXTO, TEOLOGIA E PREGAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Debatin

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Magagnin, Matheus Scremin

Paulo e cruz: contexto, teologia e pregação/ Matheus Scremin
Magagnin; Orientador: Osmar Debatin;
Florianópolis, SC, 2022.

81 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Paulo 2. Teologia da Cruz 3. Contexto 4. Pregação

II. Título

Matheus Scremin Magagnin

**PAULO E A CRUZ:
CONTEXTO, TEOLOGIA E PREGAÇÃO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Osmar Debatin
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Dedico este trabalho a minha
comunidade de onde veio minha
vocação e a compreensão do mistério
da cruz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo chamado, pela minha vida, por ser meu sustento a cada desafio.

Agradeço a meus pais, Vanderlei e Zenilda, e aos meus irmãos Karina e Jardel, pois sem a presença deles na minha vida eu não seguiria este caminho.

Agradeço a todos os meus formadores que até hoje me acompanharam nestes anos de formação no seminário.

Agradeço aos meus amigos que me dão força para continuar no caminho de Cristo.

Agradeço ao meu professor orientador, padre Osmar Debatin, visto que me ajudou a compreender a teologia paulina em sala e depois nas orientações.

Por fim, agradeço a cada um daqueles que me auxiliaram a chegar onde estou hoje.

“No silêncio da Cruz, fala a eloquência do amor
de Deus vivido até o dom supremo”.

(Bento XVI)

RESUMO

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica com foco na área bíblica. Ele teve como objetivo geral compreender a teologia paulina da cruz como chave hermenêutica para a pregação pastoral do apóstolo Paulo. Partindo de uma contextualização do signo da cruz, tanto na sociedade quanto dentro das cartas paulinas. O segundo capítulo apresenta a teologia da cruz com seu desenvolvimento de uma noção sacrificial para uma linguagem própria da cruz e, assim, sua teologia. Por fim, verifica-se a aplicabilidade da teologia da cruz como resposta aos problemas pastorais das cartas.

Palavras-chave: Paulo. Teologia da cruz. Contexto. Pregação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor – Primeira Carta aos Coríntios
1Ts – Primeira Carta aos Tessalonicenses
2Cor – Segunda Carta aos Coríntios
2Sm – Segundo Livro de Samuel
At – Atos dos Apóstolos
Col – Carta aos Colossenses
Dt – Deuteronômio
Eclo – Eclesiástico
Ef – Carta aos Efésios
Ex – Êxodo
Fl – Carta aos Filipenses
Gl – Carta aos Gálatas
Gn – Gênesis
Is – Isaías
Lv – Levítico
Mq – Miqueias
Rm – Carta aos Romanos
Sl – Salmos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CONTEXTUALIZAÇÃO	19
1.1 CRUZ NO IMPÉRIO ROMANO	19
1.2 A CRUZ NO CONTEXTO JUDAICO E O MESSIAS ESPERADO	24
1.3 PERÍCOPE PRINCIPAIS E CONTEXTO DAS CARTAS	28
2 TEOLOGIA DA CRUZ	37
2.1 SACRIFÍCIO DO REDENTOR	37
2.1.1 Escravidão do pecado	39
2.1.2 O sacrifício de libertação	41
2.2 LINGUAGEM DA CRUZ	43
2.3 DESDOBRAMENTOS CENTRAIS DA TEOLOGIA DA CRUZ	48
2.3.1 Teologia da cruz: revelação das naturezas de Jesus	50
2.3.2 Aspectos divinos	52
3 HERMENÊUTICA DA CRUZ NA PREGAÇÃO PAULINA	57
3.1 A CRUZ E O ORGULHO	58
3.2 A CRUZ E A LEI	62
3.3 A CRUZ E A DESUNIÃO	66
3.4 A CRUZ NA PARTICIPAÇÃO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO	69
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

O evento central da fé cristã é a Páscoa, Paixão, Morte na Cruz e Ressurreição de Jesus, na qual toda a vivência cristã encontra fundamento. O momento inicial da paixão, que leva à morte o Deus feito homem, mostra à humanidade que a obra para vencer o pecado, o amor, passa pelas maiores humilhações. Essa salvação que passa pela cruz é a Boa Nova que os apóstolos se empenharam em anunciar a todas as criaturas.

Paulo, o apóstolo dos gentios, quis levar essa palavra de salvação, a cruz e ressurreição do Senhor, aos povos. Para isso, ele baseia sua pregação, por meio da teologia da cruz, na qual utiliza essa imagem tão absurda como meio da salvação da humanidade. Assim, o apóstolo favorece à cruz uma centralidade.

Paulo mostra, então, que a cruz não é mero símbolo, mas resposta de um Deus que não se fixa aos padrões humanos. A crucificação é o amor revelado, é o Reino de Deus que se instaura transformando a vida daqueles que a Ele se abrem. Diante disso, Paulo ao pregar o Evangelho quer mostrar esse poder transformador da cruz, construindo uma teologia a qual gradualmente revela às comunidades enquanto ainda as instrui no caminho do Reino.

A teologia da cruz é ainda atual e necessita ser lembrada com frequência nos âmbitos eclesiais e também na pesquisa teológica. Haja vista que um dos fenômenos mais presentes em muitas comunidades cristãs é um afastamento da teologia da cruz e uma aproximação de uma teologia da prosperidade. Neste trabalho não se pretende excluir a prosperidade que vem da providência, mas lembrar a centralidade da fé.

A teologia da prosperidade é um dos fenômenos mais presentes nas comunidades cristãs, principalmente, nas de cunho pentecostal. As pessoas perdem o sentido da vida quando lhes tiram delas a dimensão do sofrimento e da cruz, algo inerente à natureza humana. Paulo quer levar o Evangelho que mostra o que Cristo passou para a nossa salvação e que os sofrimentos humanos não são tanto assustadores. O cristão não pode fugir da cruz.

A prosperidade sem a cruz é o elemento central de muitas pregações. Isso toca diretamente a temática paulina que se quer estudar: a teologia da cruz. A temática do crucificado como centro da pregação paulina, ainda hoje, pode ser escandalosa para muitos cristãos e até indigna de aceite. Há um paradigma de crença em um Deus que fará aqueles que seguirem os preceitos serem afortunados com bênçãos materiais, sem passar pelo sacrifício da cruz. É uma busca popular, a fé

é um trampolim para o sucesso financeiro, sem estar necessariamente associada a uma verdadeira mudança de consciência.

Dessa forma, o trabalho pretende seguir um objetivo para tentar responder a essa questão fundamental da cruz na teologia paulina. Esse objetivo é: compreender a teologia paulina da cruz como chave hermenêutica para a pregação pastoral do apóstolo Paulo. E para isso se percorrerão três capítulos.

O primeiro capítulo busca compreender o que o signo da cruz significava para a época. Para tanto, ele demonstra a visão romana da cruz, qual a posição e o porquê ela era tida como tão terrível. Expõe o posicionamento judaico perante esse instrumento de morte e como ele fere os princípios da Lei. Por último, dentro de uma contextualização, busca nas cartas paulinas, compreendidas as protopaulinas e as deuteropaulinas, as alusões que Paulo faz à cruz.

Para o segundo capítulo, tendo visto as referências paulinas nas cartas, busca-se compreender a visão do apóstolo de uma teologia da cruz, caracterizada pela ligação religiosa de um sacrifício feito em busca de uma redenção e libertação do pecado. Ao perceber que Paulo constrói todo um léxico para explanar esse sacrifício se origina a linguagem da cruz, fonte de pregação e estudo sobre Deus. E, assim, toma-se o rumo para o último ponto do capítulo: a teologia da cruz. Uma teologia que desvela o Deus onipotente em todas as suas características, através do seu Filho que assume a natureza humana.

Já o terceiro capítulo, expõe como Paulo utiliza toda essa teologia da cruz para a sua pregação. A cruz que vem como resposta a uma comunidade que ainda se dividia e dava espaço ao orgulho, típico do ser humano que não se entrega totalmente a Deus. Uma resposta aos que queriam permanecer no judaísmo e fazer com que os outros seguissem a Lei, sem compreender que Jesus fundou o Reino Universal. E diante dessas rivalidades internas nascia as divisões, que não são parte do plano divino e a comunidade deve buscar na cruz sua unidade. Por último, o apóstolo lembra da cruz como objeto de sofrimento e que a vida humana ainda é limitada, por isso, exorta os fiéis a confiarem e depositarem suas dores junto às de Cristo na cruz.

Para a construção deste trabalho, fez-se uma pesquisa bibliográfica, buscando nos mais diversos autores, o fundamento para os conceitos aqui abordados. A pesquisa quer mostrar uma reflexão nas cartas paulinas sobre a cruz e o poder de uma teologia baseada sob este signo. Por fim, esta pesquisa não tem a pretensão de ser uma análise exegética, mas com base nas afirmações encontradas em Paulo, pensar num nexó teológico em torno da cruz.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A morte na cruz já em sua origem traz em si o escândalo, aquele que nela morre é tido como um amaldiçoado por Deus. Jesus tendo sido crucificado traz em sua condenação o mais baixo nível do ser humano e ali o salva. Com base nesse momento salvífico é que Paulo faz sua pregação. Para isso é necessário contextualizar o tema da morte de um condenado à crucifixão na sociedade romana da época e dentro da comunidade judaica do primeiro século. Após feito isso, constatar a cruz nas cartas paulinas, na busca pela compreensão do seu contexto e da linguagem que a circunda.

1.1 CRUZ NO IMPÉRIO ROMANO

O tema da crucificação no meio do Império Romano era por demais perturbador. A cruz não era punição para um cidadão romano, mas para escravos e estrangeiros. Ao pregar que Deus tinha sido crucificado, Paulo causa escândalo no meio romano. Era loucura pensar num Deus que se rebaixa à humanidade e morre numa cruz, é impensável para um romano do século I d.C. adorar um Deus que se sobreponha tanto ao orgulho que eles tinham de sua invencibilidade.

Para adentrar à temática da crucificação e como ela era compreendida dentro do pensamento do Império é preciso conhecer esse procedimento e o quão horrível ele pode ser. A crucifixão é um método cruel de execução que ficou popular no Império Romano. Ela teve origem na Fenícia, principalmente pelos persas (aproximadamente 450 a.C.) com alguns resquícios entre os gregos, mas esses a praticavam menos, porém os cartaginenses a usavam.¹ Dos cartaginenses que, provavelmente, os romanos tomaram esse costume de crucificar, pois o Império Romano seguiu o exemplo de Cartago, ao ter a mesma sequência de tortura prévia à crucificação.²

¹ CASAGRANDE, Vera Lúcia Membrive. **A sabedoria da cruz de Cristo em 1Co 1,17-25**. 164p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: < https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/19/TDE-2013-10-15T154633Z-2376/Publico/Vera.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021. p.41.

² HENGEL, Martin. **The cross of the son of God: containing: son of God, crucifixion, the atonement**. Trad. John Bowden. London: SCM Press, 1986. p. 120-121.

Casagrande, em seu estudo sobre a Primeira Carta aos Coríntios, mostra por meio de alguns exemplos que os romanos possuíam variadas torturas em cruzes. A mais conhecida era a que o condenado era pregado na cruz. Porém, alguns eram amarrados, por vezes, invertidos, de cabeça para baixo. Outras vezes, alguns eram submetidos à empalgação com uma estaca pelos órgãos genitais. Além disso, aqueles, que sentenciados a morrer pendurados, recebiam uma placa, pendurada no pescoço, com o nome e o crime que o levou à condenação.³

A crucificação ocorria de modo bastante sádico. Geralmente, ela era precedida por várias formas de tortura. Os prisioneiros sofriam açoites, eram acorrentados, cegados, torturados, muitos até viam suas famílias sendo torturadas também, assim como suas mulheres estupradas. Somente depois de tudo isso, os reféns, ainda vivos, seguiam ao desfecho de serem elevados para a humilhação na cruz. Contudo, as torturas sofridas pelos condenados não eram meramente atenuantes das penas, mas, iam além disso, pois tinham por objetivo diminuir o tempo pendurado na cruz.⁴

Após a condenação, aquele que sofreria a pena era conduzido para um lugar retirado do centro da cidade, onde aconteceria a execução. O caminho era feito acompanhado por um centurião e quatro soldados, além disso, o condenado deveria fazer o trajeto carregando consigo o *patibulum* ou *antenna*, a haste de madeira onde os braços eram pregados. No local da execução já ficavam as hastes verticais, local retirado, mas público, servindo como espetáculo horrendo e exemplo para outros criminosos. Em Roma o lugar reservado às execuções era o *Campus Esquilinus*,⁵ já em Jerusalém, para onde esse

³ CASAGRANDE, 2013, p. 42.

⁴ HENGEL, 1986, p. 118-120.

⁵ O *Campus Esquilinus* fazia parte do monte Esquilino, na parte de fora da porta Esquilina, seu local não é exato, o que se sabe é que ficava ao norte da via Labicana e incluía o que é o hoje a Piazza Vittorio Emanuele e seu distrito norte, era um local designado para enterrar os romanos, além de ser um local de parques, também aconteciam execuções. (PLATNER, Samuel B.; ASHBY, Thomas. Topographical dictionary of Ancient Rome. In: CRANE, Gregory R. (Ed). **Perseus digital library**. Disponível em < <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0054:id=campus-esquilinus> >. Acesso em: 21 mar. 22. não paginado.)

estudo se direciona, era o Gólgota, lugar da caveira.⁶ Como bem exemplifica Green ao explicar a crucifixão:

[...] o ato da crucifixão era horrivelmente cruel. O procedimento em si não prejudicava nenhum órgão vital e é improvável que quaisquer ferimentos infligidos resultassem em sangramento excessivo. A causa provável da morte conseqüentemente lenta, então, era choque ou um doloroso processo de sufocação, à medida que os músculos usados para respirar se exauriam.⁷

Green, no seu artigo dentro do dicionário das cartas paulinas, lembra que não havia necessariamente uma forma padronizada para a crucifixão. O condenado podia ser amarrado, ou pregado, em muitos casos era pregado e posteriormente amarrado para o corpo não cair. Além das cordas, em alguns casos havia um apoio para os pés. Além do mais, o sentenciado a tal pena poderia ser crucificado em diversas posições. Depois da sentença cumprida, o direito romano não permitia um sepultamento normal, pois o corpo permanecia na cruz como carniça para os pássaros, ou ficava se decompondo ali mesmo.⁸

Os romanos entendiam a crucificação como “a punição capital de crimes hediondos [...], mas quase sempre infligida apenas às classes inferiores”⁹ ou ainda, punição típica para escravos. Somente os cidadãos romanos que renunciaram à proteção da cidadania eram crucificados. Era um meio defendido pela alta sociedade para conter a insurgência de rebeliões, assim como, máquina de movimentação da guerra. A guerra não era terminada sem alguma chance de revolta, por isso, muitos dos dominados eram mortos e expostos, assim obtinham a *Pax romana*, uma paz conquistada à força.¹⁰

⁶ CASAGRANDE, 2013, p. 42-43.

⁷ GREEN, Joel B. Crucificação. In: HAWTHORNE Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Paulus; São Paulo, SP: Vida Nova; São Paulo, SP: Loyola, 2008. p. 353-354. p. cit. 353.

⁸ GREEN, 2008, p. 353.

⁹ HORSLEY, Richard. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004. p. 169-170.

¹⁰ HORSLEY, 2004, p. 170.

Como já foi citado previamente, os cidadãos romanos eram liberados de tal julgo. Para os romanos, a cruz era uma atrocidade e usá-la como base de uma pregação de uma religião era antes de tudo antiestético, indigno e perverso. Tal punição só deveria ser dada aos considerados bárbaros ou escravos, pois não possuíam dignidade. Já dizia Cícero: “Todo o que tem a ver com a cruz deve manter-se longe dos cidadãos romanos não somente dos seus corpos, mas também da mente, dos olhos e dos ouvidos”.¹¹ A religião para o mundo antigo tinha ligação direta com o bom e o belo, assim a cruz como representação da humilhação, que não era digna de ser vista e nem pensada pelo cidadão romano, não poderia ser signo de salvação.

A crucificação também tinha algo de paródico, pois era uma sátira ao querer se elevar demais, além do poderio romano. Um escárnio lembrando os heróis elevados aos céus que estavam tão altos para serem vistos por todos. Como Marcus afirma em seu artigo:

Este elemento satírico pode ser observado na frase comum, *Ibis/abi in crucem* (“você deveria subir na cruz”), que pode ser usada burlescamente com respeito em uma exaltação dos heróis no céu. Como o mito de Ícaro, que a crucifixão chama a atenção contra a grande presunção de voar muito alto, zombando a audácia da vítima elevando-a e fixando-a em uma situação tortuosamente elevada até a sua morte – uma forma de morte que leva até o último prego, para dizer, dentro de suas elevadas pretensões.¹²

¹¹ “Nomen ipsum crucis absit non modo a corpore civium Romanorum, sed etiam a cogitatione, oculis, auribus”. (CÍCERO. *Pro Rabirico*, 5, 16. In. MOLTSMANN, Jürgen. **El Díos crucificado**: la cruz de Cristo como base y crítica de toda teología Cristiana. Ed. 2. Trad. Severiano Talavera Tovar. Salamanca: Síguime, 1975. p. 52-53.) (Tradução nossa).

¹² This satiric element may also be present in the customary sentencing formula, *Ibis/abi in crucem* (“You shall mount the cross), which may burlesque an honorific expression elsewhere used with respect to the exaltation of heroes in heaven. Like the Icarus myth, then [...] crucifixion warns against the overweening presumption that dares to fly too high, mocking the victim’s effrontery by *raising* and fixing him in a torturously *elevated* state until he expires – a form of death that drives the last nail, so to speak, into his lofty pretensions. (MARCUS, Joel. Crucifixion as parodic exaltation. **Journal of Biblical Literature**, Atlanta, EUA, v. 125, n. 1, 2006. p. 73-87. Disponível em:

No entanto, a figura de um mártir político, de um filósofo ou de um herói não era tão incomum. A morte por perseguição poderia receber uma interpretação positiva. Não era raro, na antiguidade existir tais personagens, algumas até ligadas à cruz. Hengel em seu estudo sobre a crucificação retoma o exemplo de Atilius Regulus, um general que perdeu a luta numa expedição ao Norte da África, na primeira guerra Púnica (aproximadamente 250 a.C.). Preso pelos cartagineses, foi mandado de volta à Roma em vista da negociação de liberação de presos políticos. Porém, ele disse ao senado romano que se mantivesse firme e não liberasse os presos. Sendo assim, Regulus foi mandado de volta e em Cartago foi torturado até a morte como forma de vingança. Quanto a sua morte, no entanto, possui variados relatos sobre como ela ocorreu; alguns afirmam uma morte lenta, outros por envenenamento e alguns a morte por crucificação.¹³

Além de todo o contexto já exposto, o tema da cruz como central de uma religião toca em um outro tópico sensível à humanidade e, principalmente, às ânsias romanas de grandeza: a vergonha e a honra. Jewett ao explicar esta questão de honra dentro do Império apresenta a competição como intrínseca ao povo romano e ela acontecia nos mais variados níveis. Havia uma necessidade de reconhecimento social, como cidadãos de valor, estimados pelos circunvizinhos. A competição sempre estava relacionada em responder aos desafios aos quais cada cidadão era proposto dentro de sua área. Toda essa competição é claro, estava intrínseca à herança helênica recebida pelos romanos e era vivida ainda pelos gregos.¹⁴

O empenho pela honra não era só mera competição em busca do destaque para aqueles próximos. Roma sabia bem que almejava algo além, pois os romanos desejavam a glória imortal, queriam ser eternizados. O melhor exemplo dessa busca são os inúmeros monumentos que até hoje persistem em todo o território do antigo império. Monumentos que lembram as guerras e exaltam os imperadores, generais e senadores, monumentos construídos para

< <http://www.jstor.org/stable/27638347> >. Acesso em 14 jan. 2022. p.80) (Tradução nossa).

¹³ HENGEL, 1986, p. 156.

¹⁴ JEWETT, Robert. Paulo, a vergonha e a honra. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). **Paulo no mundo greco-romano**: um compêndio. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2008. p. 485-504. p. cit. 486.

mostrar as suas grandes conquistas. O empenho romano pela glória imortal se dava ao longo de toda a sua vida pública e essa busca representava o cume de todo o empenho.¹⁵

1.2 A CRUZ NO CONTEXTO JUDAICO E O MESSIAS ESPERADO

De modo geral, a crucificação no meio judaico do século I não possuía uma avaliação muito positiva. A cruz lhes remetia à uma das piores e mais humilhantes condenações, estando ligada ao império que os dominava.¹⁶ Além do mais, essa condenação é intrinsecamente ligada àquele desonrado fim que o Deuteronômio afirma:

Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que Iahweh teu Deus te dará como herança.¹⁷

O autor sagrado não explana aqui especificamente a morte na cruz, mas o fato de morrer sendo exposto num madeiro. Refere-se mais especificamente à exibição pública de um cadáver de um criminoso condenado. Green explica que, para a comunidade judaica do século I, esse texto era usado como indicação da morte na cruz. O autor afirma isso devido a resquícios de escritos de Qumran e de Fílon que usavam do texto para asseverar o quão desgraçado era um condenado a tal sentença.¹⁸

Apesar de toda a ojeriza diante da cruz, existem relatos de que, também, os judeus a utilizaram. Hengel explora os textos que tratam do tempo helênico-asmoneu em que alguns criminosos eram condenados. Os que levavam essa dura sentença, geralmente, eram pessoas que tinham cometido alta traição, principalmente contra seu próprio povo. Como foi o caso dos 800 fariseus crucificados por Alexandre Jané, rei da Judeia, ou os setenta magos “pendurados” no monte Ascalão. Isso

¹⁵ JEWETT, 2008, p. 486.

¹⁶ GREEN, 2008, p. 354.

¹⁷ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Dt 21, 22-23.

¹⁸ GREEN, 2008, p. 354.

leva à conclusão de que devido à sua traição, esses deveriam sofrer de uma pena que não era tradicionalmente judaica.¹⁹

A crucificação tem ainda um outro problema diante da cruz que é pregada no Evangelho: é o da espera de um Messias para os judeus da época. O orgulho dos povos daquele tempo almejava uma libertação do império romano que impedia o seu crescimento como um grande reino igual ao dos tempos dos reis Saul, Davi e Salomão. Segundo Cerfaux “os judeus dos apocalipses esperavam sinais do céu, os fariseus e os zelotes exigiam vitórias políticas.”²⁰

Essa esperança, de certa forma, surgiu não só na época do império romano, mas vinha do contexto de muitos exílios e foi evoluindo até à época dos escritos apocalípticos como o livro de Daniel (aproximadamente 165 a. C.). As afirmações messiânicas ocorrem em Israel desde muito cedo, em suas origens. Essa tradição é anterior à monarquia, com textos referentes ao período tribal como a chamada bênção de Jacó a Judá,²¹ ou o direito do rei.²² Trata-se, na verdade, da espera por um governante escolhido pelo Senhor e que mantivesse a identidade do povo diante das outras nações.²³

A imagem do Messias continuou a ser moldada e com o tempo foi sendo ligada a Jerusalém e ao Rei Davi. Por meio do profeta Natã, veio a promessa de uma casa segura para sempre, estabelecendo em Jerusalém um trono para o Senhor.²⁴ Essa expectativa de um local seguro e estabelecido se vê de certa forma, resumida nessa profecia. As profecias que sucederam à época davídica sempre se referem a um Messias que fosse um novo rei Davi, como se encontra em Isaías²⁵ e Miquéias.²⁶ Segundo Silva e Silva “os relatos de promessa a Abrão [...] possuem paralelos estreitos com as promessas a Davi, contendo a

¹⁹ HENGEL, 1986, p. 176.

²⁰ CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de São Paulo**. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 120.

²¹ Cf. Gn 49, 8-12.

²² Cf. Dt 17,14-20.

²³ SILVA, Severino Celestino. SILVA, Valmor. O messias no judaísmo e no cristianismo. **Caminhos**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 249-267, 2017. Disponível em < <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392> >. Acesso em 27 jan 2022. p. 252.

²⁴ Cf. 2Sm 7,5-14.

²⁵ Cf. Is 7; 9; 11.

²⁶ Cf. Mq 4-5.

proposta de nome grande, nação grande, reis como descendentes e bênção abundante.”²⁷

Porém, a dinastia davídica não alcançava o ideal bíblico anunciado: um rei ungido, que sendo descendente de Davi, deveria governar como um verdadeiro representante de Deus. Algumas perícopes denunciavam esse mau comportamento.²⁸ Assim, com todos os desvios e problemas enfrentados pela dinastia davídica, o povo israelita é exilado na Babilônia.²⁹

Durante o período do exílio, mas principalmente do pós-exílio é que surge a figura messiânica mais comum aos tempos de Jesus. Essa fase é denominada de período do Segundo Templo, pós-exílico. A leitura constante da Torah com a revisão deuteronômista e as profecias alimentavam a fé do povo exilado e que sofria com a opressão dos impérios estrangeiros.³⁰

Esse messianismo restaurativo era o que alimentava o povo judeu do Segundo Templo na espera de um redentor semelhante a Moisés, Aarão, José e Davi, que governasse o povo para longe da opressão estrangeira e estabelecesse uma paz definitiva.³¹ Souza ao se referir sobre o tema ressalta que:

Diversos outros textos ecoam a esperança da restauração plena da casa de Davi (Is. 11:1-9; Ez. 34 e 37; Mq. 5:1-3). Esses textos foram apropriados por diversos grupos no judaísmo antigo e embasaram a sua esperança messiânica. Em linhas gerais, [...] a crença na eleição divina da dinastia de Davi constitui a matriz textual

²⁷ SILVA, SILVA, 2017, p. 253.

²⁸ Cf. Is 10,34-11,5.

²⁹ SOUZA, Rodrigo F. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. **Revista USP** [S. l.], n. 82, p. 8-15, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i82p8-15. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13746> >. Acesso em: 29 jan. 2022. p. 13.

³⁰ SILVA, SILVA, 2017, p. 253.

³¹ SANTOS, Carlos Antonio; CORREA, Denis Renan. Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo. *Revista Jesus Histórico*, v. 8, n. 14, p. 68-87, 2015. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/315372142/FRONTEIRAS-ENTRE-MESSIANISMO-JUDAICO-ANTIGO-E-CRISTIANISMO-PRIMITIVO> >. Acesso em: 29 jan. 22. p. 70.

comum do messianismo judaico. Isso explica a coerência que existe entre diferentes expectativas messiânicas.³²

No entanto, a compreensão de que, assim como os cristãos e muçulmanos não possuem uma uniformidade em suas teologias internas, o povo judeu da época de Cristo também possuía divergências no modo como imaginavam a figura do Messias. Essa mudança variava da leitura que faziam da Torá e do contexto social do grupo ao qual pertenciam. Os principais grupos eram: fariseus, saduceus e essênios.

Wicher, ao explorar o tema da visão messiânica do judaísmo antigo, afirma que dos saduceus não se pode retirar nada. Eles não acreditavam no Reino de Deus, seja um terreno ou celeste. Por estarem ligados aos oficiais romanos e se aproveitarem dessa posição política, sua doutrina não permitia a crença de um Messias que pudesse lutar contra Roma. Além disso, por ter um viés materialista, não havia espaço para alguém moralmente superior nem que viesse numa epifania gloriosa.³³

Santos e Correa citam os essênios, um grupo que vivia no deserto, de forma mais austera, como aqueles que aguardavam a chegada de dois messias. O primeiro, seguindo a linhagem real, era o messias davídico com uma função de rei e libertador de todo Israel. E o segundo, um messias nos moldes de Aarão, com função sacerdotal e senhor da Lei para os últimos dias.³⁴

O terceiro grupo, muito mencionado no Novo Testamento, é o dos fariseus, que quer dizer *separado, de uma piedade superior*. Wicher afirma que os fariseus acreditavam que o Messias já preexistia, que ele entraria no mundo no completar dos tempos e que o tempo de sua aparição seria um chamado de Deus. O grande trabalho do Messias seria a redenção de Israel, aquele que reivindicaria a nação. Com a redenção viria, também, a ressurreição daqueles que estavam no Sheol. E, por fim, sua vinda seria repleta de grandes sinais, ao estilo apocalíptico.³⁵

³² SOUZA, 2009, p. 13.

³³ WICHER, Edward A. Ancient Jewish views of the Messiah. **The Biblical World**. n.5, v. 34, 1909. p. 317-325. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/3141950> >. Acesso em 29 jan. 2022. p. 317.

³⁴ SANTOS, CORREA, 2015, p. 75.

³⁵ WICHER, 1909, p. 317-324.

A ideia de Jesus como Messias extrapola com todas as concepções dos judeus de sua época, pois estes aguardavam um restaurador, alguém que estabelecesse o reino de Israel definitivamente. Por isso, como assevera Moltmann que a ideia de venerar um “Deus crucificado” era inconcebível e afirmar um ressurgimento de um blasfemo era contradizer a justiça de Deus na lei revelada.³⁶

1.3 PERÍCOPES PRINCIPAIS E CONTEXTO DAS CARTAS

É dentro desse contexto que Jesus realizou sua obra de redenção e Paulo faz a sua pregação. A morte de Jesus é central para o mistério da salvação. Paulo até se refere ao evento da morte sem mencionar a cruz,³⁷ porém ele recorre à cruz e a torna símbolo de toda a sua pregação. Todo o “seu evangelho, e também sua teologia, enfocava na cruz.”³⁸ A cruz é o símbolo do poder salvífico de Cristo que pode se dar de vários nomes como: a cruz de Cristo, o crucificado, a linguagem da cruz, o ser crucificado e o escândalo da cruz.³⁹

A palavra cruz nem sempre é tão evidente dentro das cartas paulinas, isso se dá porque Paulo recebeu uma tradição que tratava da morte de Jesus de outras formas. Cousar afirma que há uma linguagem para se aproximar da cruz e da morte redentora de Cristo. Os modos da tradição primitiva cristã que o Apóstolo recebeu são termos geralmente relacionados ao culto como “propiciação” e “sangue”,⁴⁰ ou simplesmente “morreu por nossos pecados”.⁴¹ Dessa tradição, as cartas criaram novas expressões como “e se entregou a si mesmo”.⁴² Mas a cruz é citada propriamente em muitas passagens junto com “foi crucificado”.⁴³ Apesar de receber muito da tradição pré-paulina, a

³⁶ MOLTSMANN, 1975, p. 53.

³⁷ Rm 6.

³⁸ DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. p. 254.

³⁹ HAMERTON-KELLY, Robert G. **Violência sagrada: Paulo e a hermenêutica da cruz**. Trad. Maurício G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2012. p. 128.

⁴⁰ Rm 3, 25.

⁴¹ 1Cor 15, 3.

⁴² Gl 2, 20.

⁴³ 2Cor 13, 4.

linguagem da cruz foge do meio cltico e, por isso, demonstra uma certa centralidade.⁴⁴

O dicionário de Paulo e suas cartas afirma que o Apóstolo  o grande responsável pelo uso do verbo crucificar fora do contexto dos quatro Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos. O verbo crucificar (σταυρω ou συσταυρω) aparece em 1Cor 1,13.23; 2,2.8; 2Cor 13,4; Gl 3,1; 5,24; 6,14; Rm 6,6; Gl 2,19 e o substantivo cruz (σταυρς) está escrito em 1Cor 1,17.18; Gl 5,11; 6,12.14; Ef 2,16; Fl 2,8; 3,18; Cl 1,20; 2,14.⁴⁵

Os textos da cruz carregam uma importância muito grande dentro da teologia paulina. A partir desse ponto, constatar-se- melhor as principais perícopes que fazem uso da terminologia da crucificao propriamente paulina.⁴⁶ Para esse caminho o enfoque se dará nas cartas protopaulinas, haja visto que não há tantas contestaes quanto a sua autoria, aproximando-nos mais do pensamento de Paulo, e, ao final um hino cristológico encontrado na Carta aos Colossenses, assim como um hino encontrado em Efésios.

Na Primeira Carta aos Coríntios se encontra de forma mais explícita um primeiro excerto da teologia paulina da cruz:

Pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer  sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a *cruz* de Cristo. Com efeito, a linguagem da *cruz  loucura* para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós,  poder de Deus. [...] Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. Pois não quis saber outra coisa entre vs a não ser Jesus Cristo, e *Jesus Cristo crucificado*. Estive entre vs cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregao nada tinham da persuasiva linguagem da

⁴⁴ COUSAR, Charles B. **Theology of the Cross: The Death of Jesus in the Pauline Letters**. Philadelphia: Augsburg Fortress Publishers, 1990. E-book. Posio: 305.

⁴⁵ GREEN, 2008, p. 353.

⁴⁶ As citaes que serão usadas de modo direto são: 1Cor 1,17-18; 2,1-5; 2Cor 13, 4; Fl 3,15-18; 2,6-11; Gl 5,10-11; 3,13-14; 2,19; 3,1; Rm 6,5-9; Col 1,15-20; Ef 2,14-18.

sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder, a fim de que a vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus.⁴⁷

Esse primeiro termo usado por Paulo, cruz de Cristo, mostra o poder do Evangelho que exige uma pregação mais profunda. A pregação parte então de um modo próprio de falar, a linguagem da cruz. Essa mensagem de Deus por meio do crucificado revela a força de Deus, que escolhe o mais fraco.⁴⁸ Como também o Apóstolo expõe na Segunda Carta aos Coríntios “Por certo, *foi crucificado* em fraqueza, mas está vivo pelo poder de Deus. Também nós somos fracos Nele, todavia com Ele viveremos pelo poder de Deus em relação a vós”.⁴⁹ Esse poder de Deus se opõe aos que põem sua força na rivalidade:

Portanto, todos nós que somos "perfeitos", tenhamos este sentimento, e, se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá. Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo. Pois há muitos dos quais muitas vezes eu vos disse e agora repito, chorando, que são inimigos *da cruz de Cristo*: seu fim é a destruição, seu deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso, e seus pensamentos no que está sobre a terra.⁵⁰

Já em Filipos havia dois grupos opositores a Paulo: os judaizantes, com sua tendência a seguir a Jesus de sua maneira, como se já fossem perfeitos; e os libertinos, que ainda presos à cultura romana se apegavam a uma fé mais laica, profundamente ligada ao orgulho. A isso o Apóstolo se opõe afirmando que a fé é o único meio de conformar o homem ao Cristo crucificado e, desse modo, promover a reconciliação do homem com Deus.⁵¹

⁴⁷ 1Cor 1,17-18; 2,1-5. (grifo nosso)

⁴⁸ BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo**: Vida, obra e teologia. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã, 2020. p. 295.

⁴⁹ 2Cor 13, 4. (grifo nosso)

⁵⁰ Fl 3,15-18. (Grifo nosso)

⁵¹ SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altere lettere**. Torino: Elledici, 2012. p.145

Essa revelação é o escândalo para os judeus, que queriam se apegar ao privilégio de seguirem a Lei, como mostra o Apóstolo na Carta aos Gálatas:

Eu confio em vós no Senhor que vós não pensais diversamente. Aquele, porém, que vos perturba sofrerá a condenação, seja lá quem for. Quanto a mim, irmãos, se eu ainda prego a circuncisão, por que sou ainda perseguido? Pois estaria eliminado o *escândalo da cruz!*⁵²

Nesse recorte das escrituras, o Apóstolo tem ainda uma visão bastante positiva da comunidade dos Gálatas. Porém, trata com severidade quem o persegue, aqueles que de dentro da comunidade plantam a cizânia com falsas acusações e o perseguem.⁵³ Paulo fornece a resposta de que se ainda pregasse a circuncisão não seria mais perseguido. Contudo, ele estaria deixando de confiar no poder do Crucificado de justificar. Fica claro que ele ainda prega a circuncisão para que os Gálatas se mantenham na justiça, mas não que a circuncisão seja garantia de salvação.⁵⁴

O escândalo da cruz é o paradoxo onde Cristo acolhe os seus interlocutores, mas também afasta aqueles que se gloriam na Lei.⁵⁵ A perícope que melhor resume isso se encontra também em Gálatas:

Cristo nos resgatou da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: *Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro*, a fim de que a bênção de Abraão em Cristo Jesus se estenda aos gentios, e para que, pela fé, recebamos o Espírito prometido.⁵⁶

Nessas palavras, o Apóstolo quer demonstrar o tamanho da desordem dentro do contexto judaico que a morte na cruz do redentor pode ser. Ao citar a Torá, Paulo quer chamar a atenção para o único

⁵² Gl 5,10-11. (Grifo nosso)

⁵³ Gl 5,11.

⁵⁴ GIAVANI, Giovanni. **Gálatas**: liberdade e lei na Igreja. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 75-76.

⁵⁵ PITTA, Antonio. **L'evangelo di Paolo**: introduzione alle lettere autorale. Torino: Elledici, 2013. p. 47.

⁵⁶ Gl 3,13-14. (Grifo nosso)

Salvador. Assim, chama os cristãos a seguir o exemplo de Cristo e afirma: “De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo”.⁵⁷ A salvação que Jesus deixou não pede mais uma aliança através da circuncisão, mas numa mudança de vida.⁵⁸

A vida delineada pelo Cristo crucificado também é percebida no capítulo três de Gálatas: “Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado?”⁵⁹ Essa mudança de vida é exigida àqueles que recebem o evangelho:

Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele também por uma ressurreição semelhante à sua, sabendo que nosso velho homem *foi crucificado* com ele para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não sirvamos mais ao pecado. Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado. Mas se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele.⁶⁰

Os cristãos não necessitam mais da circuncisão, mas precisam estar crucificados em Cristo. Assim sendo, a conversão exige um moldar-se na vida do Messias que morreu na cruz e nasceu para uma vida nova.

Além disso, Paulo usava da terminologia da cruz nos hinos cristológicos da liturgia primitiva cristã. Como se percebe na ênfase dada em Filipenses:

Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como homem abaixou-se, *tornando-se*

⁵⁷ Gl 2,19.

⁵⁸ PITTA, 2013, p. 209.

⁵⁹ Gl 3,1.

⁶⁰ Rm 6,5-9. (grifo nosso)

obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.⁶¹

Temos aqui uma repetição que gera o enfoque sobre a morte, o ponto alto da primeira parte do hino.⁶² Paulo usa desse foco para confirmar a sua teologia da salvação por meio da cruz. Também, afirma Heriban ao comentar o hino no original em grego que a cruz não possui artigo, mostrando o quão vergonhoso era tal morte. Essa expressão recebe maior força diante da comunidade filipense, uma cidade romana, onde essa era a pena capital.⁶³

Outro texto possivelmente litúrgico que ganhou uma proeminência ao mistério da salvação foi o hino cristológico na Carta aos Colossenses.⁶⁴

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, (tendo em tudo a primazia), pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, *realizando a paz pelo sangue da sua cruz.*⁶⁵

⁶¹ Fl 2,6-11. (grifo nosso)

⁶² Na pesquisa atual tem-se um acordo da articulação do hino em duas partes, dos versículos 6-8 e dos versículos 9-11. (HERIBAN, Jozef. Inno Cristológico. In.: SACCHI, 2012, p.386)

⁶³ HERIBAN, 2012, p.384-385.

⁶⁴ Aqui se abriu a exceção aos textos das cartas protopaulinas, para que sirva de exemplo, também a continuação da teologia da cruz dentro da pregação nas comunidades.

⁶⁵ Col 1,15-20. (grifo nosso)

Esse hino deve ser lido no contexto da carta para uma maior compreensão e dessa forma, o texto aborda mais profundamente a sua teologia. Encaixado entre a oração inicial de ação de graças pela obra do Pai realizada no Filho e o desenvolvimento do tema central da carta⁶⁶ que é a função mediadora de Cristo, a carta aos Colossenses acentua a luta contra os falsos pregadores⁶⁷ que traziam doutrinas baseadas em critérios mundanos e não na cruz.⁶⁸ A Carta aos Efésios também utiliza de um hino para mostrar a importância da cruz:

Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade — a Lei dos mandamentos expressa em preceitos —, a fim de criar em si mesmo um só Homem Novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, *por meio da cruz*, na qual ele matou a inimizade. Assim, ele veio e anunciou paz a vós que estáveis longe e paz aos que estavam perto, pois, por meio dele, nós, judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai.⁶⁹

⁶⁶ Segundo Sacchi a estrutura da carta se dá da seguinte forma:

Prescrito (1,1-2).

Exordium (1,3-23).

Agradecimento de Paulo (3-8).

Expansão cristológica (15-20).

Partitio, Anúncio dos temas (21-23).

Obra de Cristo à santidade dos fiéis (21-22).

Fidelidade ao Evangelho recebido (23a).

Anunciado por Paulo (23b).

Probatio: (desenvolvimento em ordem inversa dos temas anunciados no *Partitio* (1,24-4,1).

Exortação final com função de peroração (4,2-6).

Postscrito (4,7-18).

(SACCHI, Alessandro. *Alle Chiese dell'Asia In.*: SACCHI, 2012, p.186, versão resumida)

⁶⁷ Col 2,4.

⁶⁸ FABRIS, Rinaldo. *Inno cristologico (Col 1,15-20)*. In.: SACCHI, 2012, p. 498.

⁶⁹ Ef 2,14-18 (Grifo nosso).

Nessa perícopé apresentada pelo autor, encontra-se dentro de um contexto no qual se afirma a unidade promovida por Cristo. Todos renascidos pela cruz não podem ser mais estrangeiros, mas como Sacchi afirma são “[...] concidadãos dos santos e familiares de Deus”.⁷⁰ Portanto, não pode mais existir divisões, mas unidos em um mesmo corpo para a promoção da paz.

A terminologia da cruz é escândalo e loucura para os contemporâneos do Apóstolo. A sociedade tinha dificuldade de aceitar um condenado como salvador. Paulo, porém, desenvolve a linguagem em torno do crucificado como meio de chamar a atenção ao centro da fé, que é o mistério salvífico de Cristo. Essa linguagem é usada não somente para explicar a fé, mas também serve de base para a pregação, como se observará nos próximos capítulos.

⁷⁰ [...]concittadini dei santi e familiari di Dio. (SACCHI, 2012, p.212. Tradução nossa).

2 TEOLOGIA DA CRUZ

A mensagem do Evangelho levada por Paulo às comunidades parte de sua experiência de encontro com o Cristo ressuscitado e com os cristãos. Achar um centro para a teologia paulina por vezes pode ser pretencioso, haja vista que suas cartas não seguem explicitamente um tratado teológico, mas correspondem às necessidades dos seus destinatários.⁷¹ Contudo, muitos estudos abordam uma teologia da cruz como ponto de partida da pregação paulina.

A cruz, como já foi esclarecido na primeira parte desse texto, era instrumento de tortura e maldição, era a pena grave usada contra os malfeitores e desgraçados. Porém, o apóstolo Paulo ressignifica o instrumento de morte como um sinal da graça de Deus. A cruz agora é símbolo do grande amor de Deus que, em sua sabedoria mostra o ápice da obediência de Cristo, a fim de salvar a humanidade.⁷²

2.1 SACRIFÍCIO DO REDENTOR

Muitas religiões têm como princípio o uso de sacrifícios como meio de comunicação com seus deuses, ou como forma para conquistar algo que almejam, ou, ainda, a redenção. Jesus veio nesse ambiente, porém ele se fez o sacrifício único para a redenção de toda a humanidade. Paulo, ao tratar desse ponto afirma que a justiça de Deus foi realizada no sacrifício da cruz do Senhor: “Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé.”⁷³ Cristo é o cordeiro sacrificado, que por meio de seu sangue redime a humanidade de seus pecados.⁷⁴

Esse primeiro aspecto do sacrifício do Redentor serve como um entendimento da teologia da cruz, mas também, de certa forma, o modo como Paulo recebe a tradição. Contudo, Paulo ao receber os textos da tradição, assim como ao usar a linguagem do Antigo Testamento, radicaliza ainda mais pela força de sua teologia da cruz. Essa teologia

⁷¹ MARGUERAT, Daniel. Introdução. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 11-23. p. cit. 18.

⁷² CASAGRANDE, 2013, p. 12.

⁷³ Rm 3,25a.

⁷⁴ DUNN, 2003, p. 262.

proporciona aos materiais tradicionais um significado existencial ou antropológico sobre a propiciação.⁷⁵

Ao ver que a linguagem de sacrifício é algo muito comum das religiões é fácil localizá-la dentro do contexto judaico. Dessa forma, no meio do povo de Israel é o próprio sacrifício cívico que era o sacrifício pelo pecado, e esse sacrifício podia ser realizado pelos pecados pessoais e cada indivíduo o ofereceria, ou poderia ser dado pelos pecados individuais ou do grupo em um único sacrifício por uma comunidade.⁷⁶ Além disso, a Torá ainda descrevia mais um sacrifício anual de expiação.⁷⁷

A linguagem sacrificial é muito estranha para a sociedade moderna, principalmente quando envolve o derramamento de sangue. Matar um animal para que o indivíduo expie seus pecados contra Deus é legado às religiões primitivas, não está ligado à sociedade civilizada. Por isso, muitos especialistas ao usarem de tal contexto negam que os termos próprios de sacrifício tenham espaço tão alusivo dentro da teologia paulina, ou, até mesmo, de não terem sido formuladas pelo apóstolo, alguns afirmam que qualquer teologia baseada no sacrifício é errônea.⁷⁸ Assim, torna-se difícil uma compreensão de uma religião com sacrifícios para os tempos hodiernos e volve-se também à interpretação de Paulo.

Käsemann, ao contrário dos que buscavam negar uma teologia baseada no sacrifício redentor, afirma que Paulo, de fato, conhecia a linguagem sacrificial. O apóstolo usou de tais termos em algumas vezes,⁷⁹ só que não a usava já no sentido antigo, mas aderindo a eles sempre uma característica mais cristológica.⁸⁰

No entanto, a prova que se tem que Paulo usa desse tipo de linguagem sacrificial propriamente judaica está em Rm 3, 25 em que o apóstolo usa do termo propiciação pelo próprio sangue para manifestar a justiça. Dunn, ao comentar essa passagem, afirma que o termo chave é expiação, do grego *hilasterion*. Esse termo era usado na LXX⁸¹ como a

⁷⁵ COUSAR, 1990, posição 249-250. E-book.

⁷⁶ Lv 4-5.

⁷⁷ Lv 16, 11-19.

⁷⁸ DUNN, 2003, p. 257.

⁷⁹ Rm 12,1; 15,16; Fl 2,7.

⁸⁰ KÄSEMANN, Ernst. **Perspectivas teológicas**. Trad. Benôni Lemos. 2 ed. São Paulo: Teológica, 2003. p. 75.

⁸¹ Tradução feita do Antigo Testamento para o grego para os judeus que não moravam em Israel.

tampa da arca, local onde era feita a expiação, perdão dos pecados, por todo o povo.⁸²

Além do mais, Paulo recorre a campos semânticos variados para expor a redenção realizada em Cristo. A justificação que é tema tão caro, varia no uso das mais diversas palavras. De uma parte essa redenção está ligada a termos como ἀπολύθρωσις (*apolythrōsis*) - campo jurídico do direito familiar e usado na Sagrada Escritura na libertação do Egito.⁸³ Por outro lado, ela também é remetida com o termo προέθητο (*proétheto*), usado para descrever a exposição dos pães no Santo dos Santos,⁸⁴ que Paulo usa para a morte⁸⁵ exposta publicamente de Jesus.⁸⁶

Bover afirma que a redenção alcançada pelo sacrifício de Jesus possui quatro elementos essenciais: estado prévio de escravidão; ato de libertação; preço do resgate e a pessoa ou ação que salva.⁸⁷ São elementos de onde parte a doutrina paulina da salvação que perpassa pelo sacrifício da cruz.

2.1.1 Escravidão do pecado

Sloyan, ao comentar a questão da expiação, destaca que havia uma consciência coletiva entre os israelitas sobre o pecado, por meio dos sucessivos sacrifícios apresentados no templo, que buscavam um equilíbrio dos adoradores quando o pecado atrapalhava a sua relação com Deus. Isso tudo era corroborado quando, ao revisitar os escritos bíblicos, percebe-se uma religião centrada no pecado. Essa questão surge da identificação imediata dos cristãos do primeiro século de que a morte e ressurreição de Cristo eram uma resposta a esse problema.⁸⁸

⁸² DUNN, 2003, p. 260.

⁸³ Ex 6,6; 15,13.

⁸⁴ Lv 24,8.

⁸⁵ Rm 3,25.

⁸⁶ SILVANO, Zuleica A. O “sacrifício” nas cartas protopaulinas. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 33, n. 129, 111-118, 2016. p. 116-117. Disponível em: < <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/150/151>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

⁸⁷ BOVER, Jose Maria. **Teologia de San Pablo**. 4. ed. Madrid: Editorial Católica, 1967. p. 284.

⁸⁸ SLOYAN, Gerard S. **Por que Jesus morreu?** Trad. Cristina P. Lopes. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 95.

Para entender o homem como escravo, primeiramente é preciso compreender que essa escravidão não era somente àqueles que se deixavam levar pelas vontades, mas toda humanidade estava sob o regime do pecado.⁸⁹ Esse regime não era somente um dado do nascimento, mas escravizava o homem com suas leis, contra as quais o indivíduo nem com a sua razão ou próprias forças conseguiria lutar.⁹⁰ E por causa dessa escravidão ao pecado, a humanidade também se deparava com a escravidão à morte.⁹¹ A morte que entrou no mundo por Adão e escraviza a todos os seus descendentes, gerando nesses o terror e a angústia.⁹²

A escravidão vai além dos termos de pecado e de morte abrangendo a Lei. Ela é expressão da proibição contra o pecado, mas, ao mesmo tempo, ela desempenha a função de tornar o pecado mais grave e serve como aplicação da violência sagrada, provocando o fiel da mesma forma que a serpente provocou para infringir a lei que Deus havia dado na criação. Assim, apesar do valor positivo que a Lei tinha diante do mundo, ela é pedagoga do caminho de espera do messias e aprisionadora do mundo no poder escravizador do pecado. Assim sendo, é o papel dialético da Lei que torna o homem escravo e dela precisa se libertar para seguir melhor a Deus.⁹³ Dunn traduz essa experiência do pecado e da morte ao falar das vontades do *self*.

A chave é, antes de tudo, reconhecer que o próprio *eu* está dividido (Rm 7,18-20): o *eu* como carne faz o mal, ou, para ser mais exato, o pecado que habita o *eu* como carne faz o mal, enquanto, ao mesmo tempo, o *eu* deseja fazer o que é bom. Segundo, esta divisão interior e contradição do *eu* tem sua equivalente na Lei (Rm 7,21-23): a Lei usada pelo pecado e a Lei indicando a vontade de Deus. E a correspondência é estreita: o *eu* querendo o que é bom é o *eu* instruído pela Lei de Deus, o *eu* como o *homem interior* (Rm 7,22); ao mesmo tempo, o *eu* entendido como carne permanece sob a agitação do pecado, cativo da

⁸⁹ Rm 5,21.

⁹⁰ Rm 7,22-23.

⁹¹ Rm 5,12.

⁹² BOVER, 1967, p. 285.

⁹³ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 258.

Lei usada pelo pecado [...], da Lei do pecado e da morte.⁹⁴

Paulo na Primeira Carta aos Coríntios resume esses três dominadores com a frase: “O agulhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei.”⁹⁵ A ligação desses três tiranos é intrínseca ao pecado, não tem outro fim senão a perdição na morte, mas o pecado sem a Lei não possui força, pois é na transgressão da Lei que o pecado aumenta seu poder de escravizar.⁹⁶

2.1.2 O sacrifício de libertação

A partir da escravidão, surge ainda a libertação que Bover⁹⁷ também estuda: a libertação ou resgate do pecado, da morte⁹⁸ e da Lei⁹⁹. A noção de libertação em Paulo se dá numa ideia de resgate determinado pelo estado anterior da escravidão. Esse resgate só se dá em Cristo que se sobrepõe ao pecado ao se fazer humano. Ou seja, fazendo-se escravo como o homem, liberta da morte ao ser obediente e aceitar a morte, que é o preço do pecado que não possuía.¹⁰⁰ E liberta da Lei, pois por causa da Lei foi condenado como afirma Hamerton-Kelly: “em Romanos 9-11, Paulo concebe Israel, em seu todo, a executar um serviço tenebroso ao rejeitar o Messias; aqui a Lei Mosaica faz o mesmo serviço ao permitir que o pecado se aproprie da violência.”¹⁰¹ Assim, por meio da Lei, Cristo morreu e venceu o pecado, para que libertada da Lei, do pecado e da morte, a humanidade fosse resgatada.

Dunn em sua *Teologia* explana de forma mais objetiva o que Bover afirma sobre o preço desse resgate. Ao retomar o que era necessário para a redenção do Antigo Testamento, Paulo leva em consideração a recomendação de que o sacrifício seria de um animal

⁹⁴ DUNN, James D. G. **A nova perspectiva sobre Paulo**. Trad. Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulinas, 2011. p. 404-405.

⁹⁵ 1Cor 15,56.

⁹⁶ Rm 7,1-25.

⁹⁷ BOVER, 1967, p. 287.

⁹⁸ Rm 8,2.

⁹⁹ Gl 3,13-14

¹⁰⁰ Fl 2,6-8.

¹⁰¹ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 258.

santo e sem defeito.¹⁰² O apóstolo expõe esse preço redentor à comunidade Coríntia afirmando que aquele que não tinha pecado Deus o fez pecador para justificar a todos, ou seja, só o que não estava manchado pelo pecado poderia fazer a expiação do pecador.¹⁰³ Mas o preço final não era em si o sacrifício do corpo, mas o derramamento do sangue,¹⁰⁴ pois este é o que porta a vida.¹⁰⁵ “Em outras palavras, a equivalência entre oferente e sacrifício estava exclusivamente no *sangue* da vítima, não na vítima toda. E sua função como sacrifício expiatório realiza-se no ritual do sangue.”¹⁰⁶

Silvano complementa essa conexão do sacrifício ao comentar esse princípio presente em Romanos no capítulo terceiro, onde a justiça de Deus e o pecado são entendidos na cultura judaica, dentro do conceito de Aliança. Essa justiça é ligada à libertação.¹⁰⁷ A justiça de Deus nas cartas é considerada como sinônima de Evangelho, pois a justiça de Deus se dá no evento salvífico e redentor da paixão.¹⁰⁸

O último aspecto que Bover trata ao discorrer sobre a redenção dentro das cartas paulinas é a pessoa que salva. O redentor é aquele que liberta e redime¹⁰⁹ do pecado e da escravidão. Ele pagou pelo preço do resgate, tornou-se causa de justiça, santificação e redenção.¹¹⁰ É essa atitude redentora que, tomada de modo deliberada por Cristo, encontra-se expressa na palavra anunciada nas cartas de Paulo.¹¹¹

Ainda, o sacrifício do redentor é imagem da reconciliação, como encontrada na Segunda Carta aos Coríntios:

Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos

¹⁰² Lv 1,3-4.

¹⁰³ 2Cor 5,21.

¹⁰⁴ Ef 1,7.

¹⁰⁵ Lv 17,11.

¹⁰⁶ DUNN, 2003, p. 267.

¹⁰⁷ Sl 39,10; Is 45,21; 46,13; 51,5.

¹⁰⁸ SILVANO, 2016, p. 116.

¹⁰⁹ Gl 3,13.

¹¹⁰ 1Cor 1,30.

¹¹¹ BOVER, 1967, p. 289.

homens suas faltas e pondo em nós a palavra da reconciliação.¹¹²

Dunn, ao comentar esse aspecto, afirma um afastamento da humanidade de Deus, e diante do que já foi exposto, esse distanciamento era fruto do pecado, assim era necessário buscar o perdão. Essa absolvição se dará entre o Criador e a criação, o mundo como um todo precisa se aproximar novamente de Deus. Deus encontra um meio de se reaproximar da humanidade sem puni-la por seus pecados, negando a hostilidade que a humanidade imersa em si, fugia de seu criador, ao sacrificar seu próprio Filho na cruz. Por fim, por meio dos seres humanos, Deus quer assumir uma reconciliação com o cosmo como um todo, ao assumir a um aspecto da Criação, aquele que tem sua imagem e semelhança, assume e reconcilia toda a obra criada.¹¹³

2.2 LINGUAGEM DA CRUZ

Paulo constrói um modo novo de falar da fé: a linguagem da cruz. Uma linguagem que não se baseia na sabedoria humana, mas que encontra no paradoxo divino sua base.¹¹⁴ Esse termo linguagem da cruz¹¹⁵, ou até mesmo o escândalo da cruz, provavelmente é próprio de Paulo nos seus dias de perseguidor, uma forma de sintetizar a ameaça contra a qual ele lutava.¹¹⁶ Pereira afirma essa unicidade do termo nas pregações do apóstolo:

A expressão ὁ λόγος ὁ τοῦ σταυροῦ é única em todo o Novo Testamento. ‘O λόγος não é uma palavra qualquer. O artigo determinativo indica que o conteúdo da *palavra* é muito importante.

¹¹² 2Cor 5,18-19.

¹¹³ DUNN, 2003, p. 277.

¹¹⁴ LÓPEZ, Rolando. La Cruz en 1 y 2 Corintios: Cartas desde la práctica de las comunidades. **RIBLA**, Revista de Interpretacion Bíblica Latinoamericana, Quito, n. 20, p. 99-114, 1995. p. 111.

¹¹⁵ Linguagem da cruz, palavra da cruz, ou sabedoria da cruz são as variações encontradas nos textos que serão usados como referência básica. Por isso, estes três termos serão usados como sinônimos.

¹¹⁶ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 138.

Literalmente ὁ λόγος ὁ τοῦ σταυροῦ significa *a palavra da cruz*.¹¹⁷

A linguagem da cruz nasce de um próprio paradoxo divino, um *modus operandi* próprio que confunde os caminhos normais humanos. O apóstolo, na Primeira Carta aos Coríntios, expressa bem esse paradoxo: escândalo para os judeus e loucura para os gentios.¹¹⁸ Nelson afirma que a palavra da cruz contrasta de modo bastante forte com as ideias de sabedoria e poder da época. A pregação de Paulo impactava, mas não por ser dele, mas por mostrar o que Deus quis ao realizar na história a redenção por um caminho tão singular.¹¹⁹

A palavra da cruz é um distanciamento não só da sabedoria humana, mas paradoxal para o pensamento religioso que espera que Deus se manifeste por meio de milagres, prodígios, trovões e grandes fenômenos naturais extraordinários. Essa comunicação vai de encontro com a lógica humana de um discurso religioso que tenha fundo persuasivo, com boa retórica e que, desse modo, converta. Pelo contrário, a palavra da cruz é o meio da comunicação divina da salvação e quer que o homem se molde a ela.¹²⁰ Assim afirma Cerfaux:

Deus, de outro lado, não quer propor ao mundo uma mensagem agradável ao pensamento humano; seria rebaixar a obra da salvação. A salvação pertence a Deus e só a Deus. Os meios humanos não têm de intervir. A filosofia humana [...] está condenada pela mensagem cristã; foi condenada pela Escritura de modo absoluto. O homem não pode gloriar-se diante de Deus, nem atribuir a salvação a uma atividade que lhe seja própria [...]. os meios são sempre inadaptados a uma obra divina. Tal é a exaço da grandeza de

¹¹⁷ PEREIRA, Leonardo I. **Análise retórico-literária de 1 Cor 1, 18-25**. A palavra da cruz. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia Bíblica, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2013-2014. p. 53

¹¹⁸ 1Cor 1,24.

¹¹⁹ NELSON, David. The Word of the Cross and Christian Theology: Paul's Theological Temperament for Today. **Theology Today**, Nova Jersey, EUA, v. 75(I), n.1, p. 64-76, abr. 2018. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0040573618763572> > Acesso em 20 nov. 2020. p. 65.

¹²⁰ PITTA, 2013, p. 113-114.

Deus, incomensurável para a natureza humana, inacessível, misteriosa.¹²¹

A pregação do Evangelho nas cartas paulinas tem esse aspecto forte e deseja mostrar qual o verdadeiro motivo da vivência cristã. Paulo não é genérico, ou simbólico, construindo apenas um discurso com o elemento de execução do império. O apóstolo vai além, ele almeja se referir ao sacrifício redentor, ao mistério da paixão, morte e ressurreição e toda a força que a sabedoria da cruz tem na vida daqueles que a acolhem.¹²²

O impacto dessa palavra na vida do cristão é gigantesco, ela o transforma em um modo próprio: cruciforme. Luz ao explicar isso afirma que a palavra da cruz tem consequências na vida da humanidade, mas Paulo vai além quando toma para si e diz que seu próprio ministério e pregação se tornaram cruciforme.¹²³ Somente quando a vida tomou tal forma é que a pregação cristã se torna confiável.¹²⁴

A partir disso, a palavra da cruz vai além, ela define a vocação da comunidade. Ela convida a um caminho de conversão, em busca daquilo que é anunciado na Paixão. Como está na Primeira Carta aos Coríntios: “Ninguém se iluda: se alguém dentre vós julga ser sábio aos olhos do mundo, torne-se louco para ser sábio”. Isso exige uma mudança de pensamento, saindo da lógica de poder do mundo, para buscar o poder libertador da sabedoria divina.¹²⁵ Ou ainda continua Luz que “a palavra da cruz é uma δύναμις (1Cor 1,18) a qual os homens se influenciam, se corrigem ou se envergonham.”¹²⁶

Além do mais, a linguagem da cruz é o meio privilegiado pelo qual Deus escolheu para mostrar a salvação que Ele dispôs ao mundo. Como afirma Barbaglio que

[...] para o apóstolo o evento da palavra da cruz e a cruz de Cristo em si são apocalipse divina: Deus

¹²¹ CERFAUX, 1977, p. 118-119.

¹²² PEREIRA, 2013-2014. p. 53.

¹²³ 1Cor 2,1-5.

¹²⁴ LUZ, Ulrich. Theologia crucis als Mitte der Theologie im Neuen Testament. **Evangelische Theologie**, vol. 34, no. jg, 1974, pp. 116-141. Disponível em: < <https://doi.org/10.14315/evth-1974-jg12>. >. Acesso em: 21 jan. 2022. p. 122.

¹²⁵ LÓPEZ, 1995. p. 111.

¹²⁶ Das Wort vom Kreuz ist eine δύναμις (1Kor 1,18), die den Menschen bestimmt, zurechtbringt oder zuschanden macht. (LUZ, 1974, p. 122, tradução nossa).

se desvela para aquilo que é. Trata-se de um símbolo histórico-religioso [...] contra qualquer tentativa humana que tenta encontrá-lo sob o sinal da sabedoria ou do poder humano, é operante salvificamente onde reina a insensatez e a fragilidade, precisamente no evento da crucificação de Cristo e na pregação do crucificado. E o pode encontrar salvificamente somente quem, em contraste com o mundo, o crê e o confessa crucificado sobre a cruz de Cristo.¹²⁷

Diante dessa afirmação, Paulo ao pregar a sabedora da cruz quer mostrar esse Deus que se comunica e quer salvar o seu povo. Pereira ao aprofundar o tema propõe que essa palavra da cruz tem uma intencionalidade. “Deus fala aos seres humanos através da oferta de seu Filho como expressão radical do seu amor.”¹²⁸ Essa expressão é tão forte que sua intencionalidade é capaz de resgatar aqueles que a essa sabedoria se entregam. Cerfaux assegura que

A mensagem cristã submete-se, pois, à grande tradição que Deus seguiu ao criar todas as suas obras no mundo. Escolhe um caminho, antípoda da sabedoria humana; anuncia o pensamento divino, um meio de salvação inventado por Deus, uma via que não é via humana, mas é loucura da cruz, o discurso da cruz, loucura humana, sabedoria divina. Só Deus podia imaginar este plano de salvar pela cruz.¹²⁹

Essa expressão extrema que se dá no Gólgota, é de tal forma transformadora que não se perde em meras palavras. O poder de Deus

¹²⁷ Ma per l'apostolo l'evento della parola della croce e la stessa croce di Cristo sono apocalisse divina: Dio vi si disvela per quello che è. Si tratta di un simbolo storico-religioso, [...]. Contro ogni attesa umana che crede d'incontrarlo sotto il segno della sapienza e potenza umana, è operante salvificamente dove regna insensatezza e debolezza, appunto nell'evento della crocifissione di Cristo e nella predicazione del crocifisso. E lo può incontrare salvificamente solo chi, in contrasto con il mondo, lo crede e lo confessa crocifisso sulla croce di Cristo. (BARBAGLIO, Giuseppe. **La teologia di Paolo**: abozzi in forma epistolari. Bologna: Dehoniane, 1999. p. 99, tradução nossa).

¹²⁸ PEREIRA, 2013-2014, p. 96.

¹²⁹ CERFAUX, 1977, p. 119.

paradoxalmente revelado no evento salvífico da paixão, não é só força estática, que permanece na salvação, mas continua no querigma. O anúncio da palavra da cruz, assim como o evento estão relacionados e são o mesmo fato, revelação do poder de Deus.¹³⁰

Por isso, a palavra da cruz é também intencional no tocante de que é sinalizadora dos que são dos velhos tempos e dos que se deixam entregar ao querigma cristão. Nelson afirma que a tal discurso divide aqueles que se guiam pela sabedoria da carne daqueles que se guiam pela sabedoria do espírito. Aqueles que se guiam com base no que o mundo oferece são incapazes de perceber que uma nova era chegou. Para Paulo, era essencial que aquele que se guia pelo espírito proclame a nova era do Cristo crucificado. Desse modo, a palavra da cruz é a mais pura divisora de águas entre os que levam a sabedoria segundo a carne e os que se conduzem segundo a cruz.¹³¹

Assim ela se torna um meio hermenêutico do mundo. Ela se torna um meio indireto de interpretar os acontecimentos do mundo. Interpretar o mundo pela cruz não é, necessariamente, criar oposição a ele, mas o mundo pressupõe a cruz para ser interpretado e a cruz precisa do contexto humano para ser compreendida. Essa palavra da cruz que ao mesmo tempo destrói a sabedoria humana e todas as suas seguranças, recria e reinterpreta o mundo.¹³²

Zumstein ao comentar sobre essa palavra da cruz, no sentido de um meio que o apóstolo constituiu para pregar, contribui com alguns pontos. O primeiro deles é que a linguagem da cruz é uma reviravolta hermenêutica, onde a cruz não é mais um objeto de estudo, mas ela é o meio pelo qual se conhece. O segundo ponto é que é de natureza polêmica, como divisora de águas ela denuncia as concepções antigas como inválidas e anuncia uma nova era. Porém ele avança rumo a três afirmações: ela é uma linguagem de julgamento, na qual o ser humano vê sua perdição ao confiar em demasia em si mesmo; é teológica enquanto demonstra um Deus livre que não se adapta às concepções humanas e, por último, ela é soteriológica, isto é, dela nasce a possibilidade da nova existência.¹³³

¹³⁰ PEREIRA, 2013-2014, p. 97-98.

¹³¹ NELSON, 2018, p. 67.

¹³² LUZ, 1974, p. 123.

¹³³ ZUMSTEIN, Jean. A cruz como princípio de constituição da teologia paulina. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel;

Portanto, a sabedoria da cruz é além de tudo uma proporcionadora de uma maior amplitude de visão. Que vai contra as expectativas da época de um Filho de Deus e Messias. Um Deus que resiste ao maior rebaixamento humano e se faz reerguer. O discurso da cruz é, assim, um convite à constância e reconhecimento de que todas as perseguições são passageiras. Cristo morreu na cruz, mas ressuscitou. A antítese de morte e ressurreição não é deslocada nesse discurso, mas pregar a cruz é lembrar que apesar do sofrimento no mundo, a criação foi redimida e manter-se no caminho levará à ressurreição.¹³⁴

2.3 DESDOBRAMENTOS CENTRAIS DA TEOLOGIA DA CRUZ

A linguagem da cruz não é somente comunicação de Deus com o ser humano, mas o meio pelo qual Paulo constrói uma teologia própria para a pregação querigmática. Aletti declara que o apóstolo poderia ter escolhido outros termos para se referir ao momento salvífico da Morte e Ressurreição do Senhor. Contudo, ao escrever as suas cartas, Paulo faz uso da linguagem da cruz para descrever e, a partir dessa linguagem, faz sua interpretação do evento redentor com uma teologia da cruz.¹³⁵ Assim como Bento XVI já comentava:

Para São Paulo a Cruz tem um primado fundamental na história da humanidade; ela representa o ponto focal da sua teologia, porque dizer Cruz significa dizer salvação como graça concedida a cada criatura. O tema da Cruz de Cristo torna-se um elemento essencial e primário da pregação do Apóstolo.¹³⁶

MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 321.

¹³⁴ CERFAUX, 1977, p. 121.

¹³⁵ ALETTI, Jean-Noël. La cristologia delle lettere paoline: status quaestionis e nuovi orientamenti **Epistolario paolino**: Lettere ai Galati e ai Romani: seminario per gli studiosi di Sacra Scrittura, Roma, 23-27 jan. 2017. Roma: Istituto, p. 27-44, p. cit. 28.

¹³⁶ BENTO XVI. **Audiência geral**: A importância da cristologia – a teologia da cruz. Vaticano 29 out. 2008. Não paginado. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/benedict->

É a partir dessa teologia que mostra o poder divino e, de certa forma, até irônica, a teologia da cruz se mostra o contrário das expectativas que qualquer discurso sobre Deus poderia ser. Ao invés de falar de grandes feitos, mostra um deus que se desnuda, apresenta a vida através da perspectiva da morte. Ela é uma forma de mostrar que a violência dos deuses superpoderosos precisa ser superada, isto é, vencer todas as idolatrias por meio da força da cruz.¹³⁷

Reynier desdobra-se além de um mero anúncio da salvação e declara que o crucificado anunciado nas cartas paulinas tem o poder revelador de Deus. Seguindo a lógica que a linguagem da cruz é o Deus que se comunica com a humanidade, assim, o apóstolo transmite aquilo que recebeu do próprio Crucificado. Por meio dessa teologia da cruz chega-se a conclusões das propriedades divinas, a natureza de Jesus e a intenção divina ao executar até às últimas consequências o seu plano salvífico.¹³⁸ Becker assim descreve que

[...] a teologia da cruz diz que o crente pode pensar de Deus, e o que pode pensar a respeito de si mesmo e do mundo. Ela é, portanto, um modo de interpretação de Deus e do mundo, quando ensina que tudo deve ser compreendido a partir de Deus que se revela no Crucificado; e, em consequência, coloca cada realidade em seu lugar diante de Deus. Na teologia da cruz, não é a cruz o objeto de explicação, mas tudo adquire uma nova explicação por meio da cruz.¹³⁹

Essa construção o apóstolo faz a partir da linguagem da cruz e toma como ponto de partida a própria cruz. Quando ela é o fundamento de uma teologia, tem-se a garantia de que essa é autenticamente cristã. Haja vista, que a cruz é o centro do pensamento cristão, dela fluem

xvi.pt/audiencias/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029.html.

Acesso em: 10 jan. 2022.

¹³⁷ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 159.

¹³⁸ REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. Trad. de Tiago J. R. Leme. São Paulo: Paulus, 2012. p. 186.

¹³⁹ BECKER, 2020, p. 298.

todas as afirmações cristãs como a doutrina da revelação e a soteriologia.^{140, 141}

Ainda sobre o aspecto experiencial da teologia paulina da cruz, Fabris constata por meio do querigma inicial de que Cristo amou tanto a humanidade que se deu a ela,¹⁴² Paulo a torna pessoal: “Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.”¹⁴³ Assim a doação de si próprio feita por Jesus na cruz, enquanto um evento histórico, deixa de ser histórico e faz parte de toda experiência de encontro com o ressuscitado.¹⁴⁴ É com essa vivência que se prega toda a salvação e mudança que o Senhor faz no mundo.¹⁴⁵

2.3.1 Teologia da cruz: revelação das naturezas de Jesus

A ironia da teologia da cruz se mostra forte ao exibir o rei que está nu. Somente pela cruz que se alcança a verdade do Sagrado e sua verdadeira relação com a humanidade.¹⁴⁶ A cruz é capaz de fazer com que os seres humanos se aproximem de Deus e o reconheçam em sua carne que sofre. Assim sendo, é a partir dela que se conhece Jesus como Filho de Deus feito carne. Cousar consegue promover uma excelente afirmação sobre isso ao exemplificar a propósito do sacrifício de Jesus.

Não há uma noção de Jesus como um herói solitário e corajoso, tomando a causa da humanidade em sua fragilidade e forçando a mão de Deus a mudar o curso da história. Nem é que Deus, seguindo o extraordinário auto sacrifício na

¹⁴⁰ MCGRATH, A. E. Teologia da cruz. In: HAWTHORNE Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Paulus Editora; São Paulo, SP: Edições Vida Nova; São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008. p.354-361. p. cit. 354.

¹⁴¹ Cf. subcapítulo 2.1.

¹⁴² Gl 1,4.

¹⁴³ Gl 2,20b.

¹⁴⁴ Gl 2,20ª.

¹⁴⁵ FABRIS, Rinaldo. Il messaggio dottrinale de Paolo. In: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altre lettere**. Torino: Elledici, 2012. p 583-623. p. cit. 591-592.

¹⁴⁶ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 159.

cruz, intervém para aliviar um Jesus martirizado, ressuscitando-o dos mortos.¹⁴⁷

Jesus não foi mero herói solitário, mas faz tudo dentro de um projeto de Deus Pai. Esse plano divino almejava a salvação da humanidade, mas ia além, o Senhor queria se revelar. Para isso, a figura de seu filho foi de essencial importância. Na cruz, a divindade como filho de Deus foi revelada. É o que afirma Reynier: o ressuscitado é o crucificado e esse é o filho de Deus, que ao se entregar na cruz expõe seu amor pela humanidade não só seu como do seu Pai. Assim, a morte escandalosa ganha sentido no amor de Jesus.¹⁴⁸

Além de revelar Jesus como Filho de Deus, a cruz manifesta, ainda, de forma mais expressiva a humanidade. Como é exposto no cântico em Filipenses, a quênose de Jesus que apesar da forma divina tomou a condição de servo.¹⁴⁹ Ele se desfaz de toda a glória e se recobre de toda a impotência humana. A encarnação para Jesus é uma renúncia ao seu próprio poder e uma entrega total à vontade de Deus até às consequências últimas da morte ultrajante na cruz.¹⁵⁰

Comblin aprofunda o tema afirmando que ao escolher a cruz dentro do plano salvífico, Cristo assume a debilidade própria da cruz. Ela se torna, desse modo, sua debilidade também e, como filho de Deus, fragiliza a imagem divina, aproximando-a à escravidão humana. Essa fraqueza extrema incorre ao seu discurso, logo ao falar de Deus não será uma algo retórico com fácil receptividade, mas sim uma mensagem que em sua própria apresentação mostra-se frágil.¹⁵¹

¹⁴⁷ There is no notion of Jesus as a lonely and courageous hero, taking up the cause of humanity in its brokenness and forcing God's hand to change the course of history. Nor is it that God, following the extraordinary self-sacrifice on the cross, steps in to relieve an otherwise martyred Jesus by raising him from the dead. (COUSAR, 1990, posição 360-362. E-book. Tradução nossa)

¹⁴⁸ REYNIER, 2012, p. 186.

¹⁴⁹ Fl 2,6-7.

¹⁵⁰ SCHNELLE, Udo. O presente da salvação, centro do pensamento paulino. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 337-362. p. cit. 349.

¹⁵¹ COMBLIN, José. Pablo y la cruz de Jesus. **RIBLA**, Revista de Interpretacion Biblica Latinoamericana, Quito, n. 20, p. 65-74, 1995. p. cit. 66.

Por outro lado, mostra também o senhorio de Jesus¹⁵² que na cruz é humilhado e, ao mesmo tempo, elevado. Assim,

A grandeza de Cristo é incomensurável, e jamais poderá ser superada, nem no tempo nem na eternidade. Ela merece toda adoração, “no céu, na terra e nos abismos” (Fl 2,10). Com efeito, se toda a criação proclama que Jesus é o Senhor, quer dizer que ela está reconciliada nele [...]. Proclamar que o Senhor “tudo reconciliou por seu sangue na cruz” é também descobrir que “nele, para ele e por ele é que tudo foi criado” (Cl 1,15-20).¹⁵³

Portanto, aquele que estava ao lado do Pai se abaixou totalmente, deixou-se crucificar e assume sobre si todos os pecados da humanidade. Ao assumir a total debilidade humana, na cruz está expressa ao mesmo tempo o desprezo ao homem e a Deus. Mas só por meio dela que vem a salvação, na qual o Cristo que recapitula toda a criação pode agora proclamar o seu senhorio.

2.3.2 Aspectos divinos

A teologia nada mais é do que um discurso sobre Deus e sobre a fé. Nela uma afirmação é muito clara, aquilo que Jesus revelou de sua pessoa, ele também revelou da pessoa do Pai. Por isso, a partir da teologia da cruz pode-se afirmar certos atributos de Deus.

Um primeiro atributo é a liberdade de Deus. Cousar afirma que: “a palavra da cruz interpreta o mundo de tal maneira que Deus é exposto como livre e completamente distinto do mundo.”¹⁵⁴ Um Deus que não está preso às condições humanas, nem aos seus conceitos, mas ultrapassa essas barreiras e se revela da maneira mais paradoxal possível.¹⁵⁵ O criador que não se deixa nivelar pelas criaturas.¹⁵⁶

¹⁵² Fl 2,9.

¹⁵³ REYNIER, 2012, p. 187. Grifo do autor.

¹⁵⁴ The word of the cross interprets the world in such a way that God is exposed as free and thoroughly distinct from the world. (COUSAR, 1990, posição 400. E-book. Tradução nossa)

¹⁵⁵ MCGRATH, 2008, p. 357.

¹⁵⁶ Rm 1,19-25.

O segundo aspecto é a sabedoria de Deus que na visão clássica é chamada de onisciência. Paulo faz uma crítica à sabedoria valorizada pelos seus interlocutores.¹⁵⁷ Mas com isso ele não almeja desprezar o conhecimento humano, somente a prepotência que despreza a palavra da cruz. A sabedoria de Deus ultrapassa a humana, com a palavra da cruz que ao mesmo tempo se faz imanente no evento da paixão, seu caminho é transcendente e faz parte de um plano de salvação.¹⁵⁸

Outro elemento que aparece é o poder de Deus que se manifesta como momento de maior desdobramento da intervenção salvífica em Cristo crucificado. Para Paulo, na crucificação esse poder se fez de fato irromper, por isso, Jesus é apresentado como poder de Deus.¹⁵⁹ Apesar de toda fraqueza expressa na cruz, a salvação faz ressurgir o Senhor em todo poder.¹⁶⁰ Nisso está o paradoxo da teologia da cruz, na maior debilidade é que se encontra a maior força.¹⁶¹

O quarto atributo é a fidelidade de Deus, fidelidade muitas vezes ligada à sua imutabilidade. Ao que o apóstolo dá um passo além ao afirmar que essa imutabilidade não é que Deus sempre age da mesma maneira, mas cumpre o que diz. Deus é fiel, mas surpreende no modo como cumpre. Deus não fica preso à consistência legal ou aos caminhos lógicos. Como é o caso da cruz, ela liberta do pecado não mais seguindo o sacrifício de um animal, mas seu filho se faz carne e se submete à morte, revelando que a salvação não segue às leis estritamente.¹⁶² Junto da fidelidade está a justiça de Deus. Ele se mantém fiel, porém sua justiça não é apenas retributiva. Como destaca Pereria:

Para toda a teologia paulina afirmar a justiça de Deus representa reconhecer o coração que define o Evangelho de Paulo. A Carta aos Romanos, neste sentido, é toda judiciária. A perícopes de 1Cor 1,18-25 é igualmente deliberativa. Respira a ação do juízo de Deus em cada versículo e

¹⁵⁷ 1Cor 1,22.

¹⁵⁸ PEREIRA, 2013-2014, p. 95.

¹⁵⁹ 1Cor 1,24.

¹⁶⁰ 2Cor 13,4.

¹⁶¹ PENNA, Romano. **L'apostolo Paolo**: studi di esegesi e teologia. Milão: Edizioni Paoline, 1991. p. 209.

¹⁶² COUSAR, 1990, posição 575-578. E-book.

apresenta o evento da cruz de Cristo como o ápice da justiça divina.¹⁶³

É na cruz que toda a justiça divina se desvela, todos são julgados pelo amor e por esse amor também justificados. Apesar de todos pecarem e os ímpios ainda o ofenderem, Ele justifica a todos.¹⁶⁴

Toda a teologia da cruz resulta numa última conclusão atributiva a Deus: o amor. Bento XVI afirma que:

As primeiras comunidades cristãs, às quais São Paulo se dirige, sabem muito bem que Jesus já ressuscitou e está vivo; o Apóstolo quer recordar não apenas aos Coríntios ou aos Gálatas, mas a todos nós, que o Ressuscitado é sempre Aquele que foi crucificado. O "escândalo" e a "loucura" da Cruz encontram-se precisamente no facto de que onde parece existir somente falência, dor e derrota, exatamente ali está todo o poder do Amor ilimitado de Deus, porque a cruz é expressão de amor, e o amor é o verdadeiro poder que se revela precisamente nesta aparente debilidade.¹⁶⁵

Deus ama a todos, os que o amam e os que não retribuem o seu amor. Ele ultrapassa as barreiras do amor humano, o amor divino é escandaloso.¹⁶⁶ Em Jesus, Deus dá de si mesmo à sua criação, a cruz é o evento revelador desse amor.¹⁶⁷

O apóstolo em sua Segunda Carta aos Coríntios expõe uma excelente síntese:

Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles. Por isto, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se

¹⁶³ PEREIRA, 2013-2014. p. 99.

¹⁶⁴ PEREIRA, 2013-2014. p. 100.

¹⁶⁵ BENTO XVI, 2008, não paginado.

¹⁶⁶ Rm 5,7.

¹⁶⁷ COUSAR, 1990, posição 583-586. E-book.

conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova. Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação. Sendo assim, em nome de Cristo exercemos a função de embaixadores e por nosso intermédio é Deus mesmo que vos exorta. Em nome de Cristo suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus. Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus.¹⁶⁸

Aqui há duas afirmações fulcrais: tornado pecado, Cristo morreu ao nosso favor e Deus reconcilia a humanidade sem lhe atribuir seus pecados.¹⁶⁹ Dessa forma, a teologia da cruz parte da concepção de que Jesus se oferece como um sacrifício redentor para libertar a criação do pecado e da morte. Para isso, Paulo desenvolve uma linguagem da cruz onde expressa o evento salvífico que não é apenas a morte na cruz, mas também a ressurreição. Essa linguagem, com efeito, atua na vida dos que a ouvem. Além disso essa linguagem é base para todo o discurso religioso cristão autêntico, assim ela mostra quem é o Senhor e como deve-se enxergar Deus.

¹⁶⁸ 2Cor 5,14-21

¹⁶⁹ BENTO XVI, 2008, não paginado.

3 HERMENÊUTICA DA CRUZ NA PREGAÇÃO PAULINA

A demonstração do amor de Deus que escapa aos esquemas humanos de uma entrega total e salvação ao ponto da morte mais humilhante de sua época, a cruz, é, como visto previamente, a base para uma teologia. Paulo se utiliza do evento da cruz e a partir dela constrói essa teologia. Com a base hermenêutica na cruz, o apóstolo almeja levar o querigma a outrem e em muitas vezes, aos evangelizados, e, de tal modo, dar respostas pastorais.¹⁷⁰ Malcolm demonstra essa leitura do apóstolo ao explicar como ele usa a cruz como mediadora de toda a ação cristã, como vê-se a seguir:

Paulo fez da cruz o ponto de referência para a vida da Igreja – na sua proclamação, na vida sacramental e no trabalho apostólico de reconciliação. Nós manifestamos o Senhor ressuscitado quando o poder e a atividade de Deus estão no trabalho, no nosso ato de morrer, moldando-nos igualmente àquele que foi crucificado. A cruz é o critério que julga e liberta não somente aqueles que estão além da esfera cristã, mas também dentro dele e, como Nietzsche notou, a cruz sempre ataca o forte e devoto. Ela nos capacita para vermos a verdadeira divindade que pode criar vida a partir do nada, um ponto que a imagem apocalíptica de dores de nascimento messiânicas traz à tona tão bem.¹⁷¹

¹⁷⁰ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 125.

¹⁷¹ Paul made the cross the touchstone for the church's life—in its proclamation, sacramental life, and apostolic work of reconciliation. We manifest the risen Lord when God's power and activity is at work in our act of dying, molding us into the likeness of the one who was crucified.³² The cross is the criterion that judges and liberates not only those beyond the 'Christian' sphere, but also those within it and, as Nietzsche noted, the cross always attacks the strong and devout. It enables us to see that only true divinity can create life out of nothingness, a point the apocalyptic image of messianic birth pangs brings to the fore so well. (MALCOLM, Lois. Apocalyptic birth pangs: the cross, corporeality, and epiphanic manifestation in apostolic practice. **Studies in Christian Ethics**, v. 34, 2021, p. 439-454. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/09539468211031469?journalCod e=scea>>. Acesso em: 20 jan. 2022. p.448. Tradução nossa)

Assim, na sua pregação está intrínseca a teologia da cruz, ver-se-á que ele enfrenta alguns problemas. O primeiro é o orgulho muito forte nas culturas judaicas e dentro do império romano. Um segundo que está ligado à desunião principalmente dos separatistas israelitas, é a obediência às leis judaicas. O terceiro, que surge dos dois anteriores, é a desunião que mostra uma não conversão. Por último, é mais um modo de vida espiritual entrando em comunhão plena com Cristo na cruz e participar de seus sofrimentos.

3.1 A CRUZ E O ORGULHO

Um primeiro problema encontrado nas comunidades cristãs é o orgulho. O apóstolo tem que lidar com os corações orgulhosos ao escrever sua Primeira Carta aos Coríntios. Muitos já se achavam perfeitos, acreditavam que sua razão e sua retórica já haviam alcançado o conhecimento pleno de Deus, sem, ao menos, passar pelo sofrimento.¹⁷² Para isso, Paulo usa de sarcasmo, fazendo contraponto aos orgulhosos de Corinto como já reis saciados e plenos e os apóstolos como escória do mundo, expostos, nus. Ele denuncia essa pretensão ilusória e retoma que a vida cristã passa pela cruz. E, ao finalizar o discurso afirma que não fala para envergonhar a comunidade, mas para admoestá-la.¹⁷³

Para a compreensão da dimensão do sistema de orgulho que motivava a comunidade é necessário retomar a questão da honra, já explanada no primeiro capítulo.¹⁷⁴ Jewett propõe o estudo do tema com várias expressões dessa busca de honra dentro do império romano. A busca da glória era a única realmente válida, era a única recompensa da vida pública, já que pela morte não se tinha a certeza de um futuro. A busca da honra era uma ânsia de imortalidade. Esse orgulho de ser para sempre lembrado, são ilustrados com os vários monumentos honoríficos espalhados pelo império. A boa fama era também causa de orgulho e

¹⁷² BARBAGLIO, Giuseppe. **1-2 Coríntios**. Trad. Benôni Lemos e Patrícia G. E. Colina Bastianetto. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. p. 43

¹⁷³ 1Cor 4,8-14.

¹⁷⁴ Cf. 1.1 a cruz e o império romano.

conforto aos que perdiam os familiares, porque os seus mortos eram lembrados pelas suas conquistas.¹⁷⁵

Porém, a busca da honra que alimenta o orgulho humano não era limitada aos pagãos, mas os judeus também estavam com os pensamentos voltados em conquistar a glória.

Qual raça é digna de honra? A raça dos homens. Qual a raça digna de honra? A dos que temem o Senhor. Qual a raça digna de menosprezos? A dos que violam os preceitos. Entre os irmãos, é honrado o seu chefe, os que temem ao Senhor são honrados por ele. [...] Rico, honrado ou pobre, a sua glória é o temor do Senhor. Não é justo desprezar um pobre inteligente, não convém honrar um pecador. O nobre, o juiz, o poderoso, são dignos de honra, mas nenhum deles é maior do que aquele que teme ao Senhor.¹⁷⁶

Esse é um discurso próprio da cultura que se baseia no orgulho que foi sendo desenvolvido e manifesta que o modo de se obter a honra genuína consiste na adesão aos valores judaicos. Para isso, é necessário saber a correta devoção a Deus e o seguimento da Torá. Ao longo de seu livro, o Sirácida enaltece uma série de pessoas ilustres, que assim como faziam os gregos e romanos são louvadas e servem de exemplos de busca de honra.¹⁷⁷

Os adversários de Paulo afirmavam que possuíam sabedoria, poder e honra e o acusavam de não os ter. Mostravam-se sábios em seus discursos logicamente formulados. Essas demonstrações de orgulho sinalizam esse elitismo próprio do mundo pagão de buscar status social. Essa ânsia orgulhosa da honra era sinal de não conversão, mas de uma busca desenfreada da sabedoria do mundo e não da sabedoria divina que se manifesta na cruz.¹⁷⁸

¹⁷⁵ JEWETT, 2008, p. 488-490.

¹⁷⁶ Eclo 10, 19-20, 22-24.

¹⁷⁷ JEWETT, 2008, p. 490.

¹⁷⁸ ADRIANO FILHO, José. The word of the cross, power and wisdom of God: a study of 1 Corinthians 1-4. **Reflexus**: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória, ano IX, n. 14, p. 433-448, 2015/2. Disponível em: < <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/311>>. Acesso em: 15 set. 2021. p. 437-438.

Willians ainda afirma que essa questão de orgulho maior se dava na comunidade coríntia, porque se viam como conquistadores dos finais dos tempos, acreditavam que a vinda definitiva do Senhor estava às portas. Devido a essa visão agiam como se fossem reis e ricos, satisfeitos com o tempo corrente, pois havia um triunfalismo precoce do futuro reinado de Cristo.¹⁷⁹ Uma atitude contrária àquilo que o apóstolo havia pregado na comunidade. Por isso, Paulo é tão incisivo em proclamar o Cristo crucificado, afirmando a condição de servos da palavra da cruz.¹⁸⁰

O Apóstolo ao se apresentar rompe o sistema de orgulho que sustentava o pensamento materialista grego ao afirmar:

Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. Pois não quis saber de outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado.¹⁸¹

Dessa forma, Jewett, ao realizar a leitura da Primeira Carta aos Coríntios, afirma que há uma mudança radical no sistema de honra e vergonha presentes nesta comunidade. A cruz tira da evidência a autossuficiência humana e seus projetos. Os gregos procuram validação na sabedoria e os judeus nos milagres, mas a única resposta ao orgulho humano é a cruz.¹⁸² Assim sendo, a honra já não se realiza mais pela competição, mas a cruz é agora o sinal de glória para todos aqueles que na humildade desejam ser marcados por ela.

Contudo, não somente a Primeira Carta aos Coríntios apresenta essa mudança no sistema orgulhoso antigo. A Carta aos Romanos também oferece um ótimo substrato para se vislumbrar essa mudança de consciência de onde se pode depositar a confiança.

¹⁷⁹ WILLIAMS, Drake. Living as Christ crucified: the cross as a foundation for Christian ethics in 1 Corinthians. **Evangelical Quarterly: An International Review of Bible and Theology**, v. 75:2, 2003, p. 117-131. Disponível em: <https://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/2003-2_117.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021. p. 125.

¹⁸⁰ 1Cor 4,1-13.

¹⁸¹ 1Cor 2,1-2.

¹⁸² JEWETT, 2008, p. 491.

Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Foi, com efeito, quando ainda éramos fracos que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios.¹⁸³

A partir dessa passagem se observa uma mudança total na lógica do orgulho. O gloriar-se não está mais nas conquistas de luta, nos discursos retóricos, mas volta-se para aquilo que incomoda, as tribulações.¹⁸⁴ Assim como a cruz incomoda, leva às perseguições, o cristão é convidado a não alimentar seu orgulho nas honrarias terrenas, mas depositar sua confiança no crucificado.

Dessa forma, pode-se ainda recorrer à Segunda Carta aos Coríntios,¹⁸⁵ onde Paulo retoma o tema do orgulho, na mesma comunidade, pois muitos almejavam descredenciar a obra e a pessoa de alguns pregadores, principalmente de Paulo. Ele declara:

Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.¹⁸⁶

No final do texto, Paulo escolhe orgulhar-se de suas próprias fraquezas, mas não somente nas suas, como também se compraz das dos outros. Mostra ainda a humanidade que precisa caminhar muito contra a busca de conquistas terrenas. O que leva a afirmação final de que na

¹⁸³ Rm 5,3b-6.

¹⁸⁴ JEWETT, 2008, p. 498.

¹⁸⁵ 2Cor 12,1-10.

¹⁸⁶ 2Cor 12,9b10.

fraqueza ele enxerga a força, quando vê a realidade humana se consegue o poder de Cristo.¹⁸⁷

Dessa forma, a teologia da cruz já se mostra como um grande divisor de águas. Pois tudo aquilo que se buscava nas honrarias, uma chance de manter seu nome por meio das conquistas, não faz mais sentido. Diante do crucificado o cristão irá buscar o orgulho de ser fraco com os fracos, porquanto foi assim mesmo que o Mestre fez.

3.2 A CRUZ E A LEI

Nas Carta aos Gálatas e aos Romanos, o apóstolo constrói uma argumentação em torno do problema da Lei. Aqui não se quer transformar a Lei em um problema em si, mas na forma como ela era usada pelos cristãos advindos do judaísmo. A Lei se tornou, nesse ambiente, um modo de segregação dos que a seguiam e sentiam-se mais importantes, do que os pagãos que não almejavam a circuncisão. Em primeiro lugar, o problema da justificação que já em Gálatas 2 se evidencia:

E se, procurando ser justificados em Cristo, nós também nos revelamos pecadores, não seria então Cristo ministro do pecado? De modo algum! Se volto a edificar o que destruí, então sim eu me demonstro um transgressor. De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.¹⁸⁸

Giavini, ao comentar esses versículos, afirma que o apóstolo faz um jogo de contradições. Quando justificado por Cristo, o cristão não precisa mais da Lei. Só que ao não seguir a Lei se retoma o pecado, já que a Lei era o que ditava onde se encontrava o pecado e onde não.

¹⁸⁷ VALLAURI, Emiliano. La gloria dell'umiliazione (2Cor 12,1-10). **Epistolario paolino**: In: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altere lettere**. Torino: Elledici, 2012, p. 369-379. p. cit. 378-379.

¹⁸⁸ Gl 2,17-20.

Jesus era o ministro do pecado? Não mesmo! Com isso, Paulo vai além, pois afirma que por meio da Lei faz com que o Cristo e, por consequência, seus seguidores morram para ela e vivam a vida nova. A Torá foi cumprida e agora todos são ressuscitados em Cristo.¹⁸⁹

Enquanto Comblin complementa que a Lei não cumpria seu papel de levar à vida, seu papel pedagógico ao final se direcionava a matar a humanidade ao excluí-la. Paulo havia vivido severamente a Lei, e essa vivência o levava a perseguir os cristãos. Mas Cristo, não abolindo a Lei, mas morrendo debaixo dela, pois se tornou maldito pela Lei, para que assim pudesse livrar o ser humano do jugo dela.¹⁹⁰ Cristo dá a vida e vive naqueles que se entregam a ele.¹⁹¹ Dessa forma, somente em Jesus há uma verdadeira volta à vida, entendida como comunhão com Deus, ou seja, plena.

Hamerton-Kelly conclui com o pensamento de que a Lei mosaica foi instrumento metafórico de morte. Isto é, que a interpretação da Lei foi o que promoveu a execução de Jesus. Logo, aqueles que nela buscavam se manter, também estavam causando a morte do Senhor.¹⁹² Sinalizando, dessa forma, novamente, o orgulho tribal de um povo escolhido que rechaça a novidade do Evangelho.

Ao retomar o problema do orgulho que se acentua pela parte judaica da comunidade por causa dessa fixação tribal de povo escolhido, havia uma fixação em permanecer na aliança. Esse conservar-se na Torá estava explicitamente envolto com o problema da circuncisão. Já afirma Paulo: “os que querem fazer boa figura na carne são os que vos forçam a vos circuncidardes, só para não sofrerem perseguição por causa da cruz de Cristo.”¹⁹³

González-Ruiz comenta que, para o cristão, manter-se na carne, significa persistir nas antigas estruturas sem sinais de esperança. Quem realmente segue a cruz aceita o aniquilamento por ela proporcionado.¹⁹⁴ Ao querer retomar a prática da circuncisão, os judaizantes pretendiam voltar ao esquema anterior e esqueciam da abertura dada por Cristo ao

¹⁸⁹ GIAVINI, 1987, p. 39-40.

¹⁹⁰ Gl 3,6-14.

¹⁹¹ COMBLIN, 1995, p. 68.

¹⁹² HAMERTON-KELLY, 2012, p. 137.

¹⁹³ Gl 6,12

¹⁹⁴ GONZÁLEZ-RUIZ, José M. **O evangelho de Paulo**. Trad. de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1980. p.126.

se tornar um maldito pela Lei.¹⁹⁵ Sobre essa passagem é interessante notar que:

O cenário mais imediato por trás de Gálatas 3,13 é a controvérsia entre Pedro e Paulo a respeito da exclusão e da inclusão, e o cenário mais abrangente é o fenômeno do *zelo pela Lei*. Paulo inicia esse estágio da discussão com *a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado* (Gl 3,1), a qual contrasta com as *obras da Lei*. Portanto, a Cruz se opõe ao zelo pela Lei. Paulo admite a existência do bom zelo (Gl 4,17-18; cf. Ecl 51,18), mas se trata do paradoxal zelo da cruz (Gl 6,12-14). O zelo da lei exclui, ao passo que o zelo da Cruz inclui todos aqueles que, por meio do Cristo, a *semente de Abraão*, constituem o *verdadeiro Israel de Deus* (Gl 6,16).¹⁹⁶

Hamerton-Kelly explica que segundo a carne pode ser considerado uma busca do agir humano. Contudo, o autor vai além, ao afirmar que apesar da carne, o cristão deve agir conforme o Espírito. Porém, a interpretação de segundo a carne não se reduz ao modo humano, mas ao modo excludente do agir judaico,¹⁹⁷ que confia na Lei como justificativa para a sua fé.

O que conduz à conclusão que Schweitzer propõe que os judaizantes não estão meramente enganados, mas que são movidos pelo medo. O medo de largar as seguranças que uma doutrina com 613 leis é capaz de proporcionar. Aqueles que pregam somente a cruz introduzem uma nova realidade, que gera perseguições e sofrimentos.¹⁹⁸

Retomando o problema das obras da Lei, Dunn alega que Paulo faz um jogo de palavras entre as bênçãos advindas do seguimento da Lei e a maldição de um homem pendurado num madeiro.¹⁹⁹ Assim também comenta Jewett quando evidencia isso na carta aos Romanos.²⁰⁰ Ele

¹⁹⁵ Gl 3,13.

¹⁹⁶ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 140.

¹⁹⁷ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 219.

¹⁹⁸ SCHWEITZER, Albert. **O misticismo de Paulo**. Trad. de Paulo e Judith Arantes. São Paulo:Fonte Editorial, 2003. p. 226.

¹⁹⁹ DUNN, 2011. p. 84-85.

²⁰⁰ Rm 3.

afirma que essa confiança demasiada nas obras da Lei era o que identificava o povo judeu como os escolhidos para a justificação de Deus. Porém, todos pecaram, inclusive os seguidores da Torá, e todos precisam de salvação.²⁰¹ O que auxilia na compreensão dessa expansão da Revelação aos gentios e a salvação é que ela é para todos.

É importante notar que o que se opõe à lei dos judeus, não é simplesmente Cristo ou a morte de Cristo, mas exatamente a cruz de Cristo. Paulo não pretende dizer que somente Cristo é o que nos salva ou que Cristo nos salva por sua morte. Entre a mensagem dos judeus e a mensagem oposta tem uma oposição, cujo tema é a cruz. Os judeus não queriam a cruz e os verdadeiros crentes querem a cruz.²⁰²

Ao que Dunn retoma como a centralidade da cruz que está no Evangelho é contrária à ideia judaizante e parte até para uma dimensão gentia de cristologia. Para Paulo, é a crença no Cristo crucificado que garante a todos a participação nas promessas feitas a Abraão.²⁰³ Ao negar a cruz em sua centralidade e aceitar as exigências da Lei, como a circuncisão, é afastar-se dessa garantia do cumprimento da promessa dada por Jesus a todos, não só aos judeus.

Haja vista que o apóstolo garante já em Romanos²⁰⁴ que a salvação está firmada na entrega dada por Cristo, que já poupou a humanidade, que não servem de nada manter-se nas obras da antiga Lei, se o coração não está voltado à cruz. A compreensão que o ser humano ainda é muito falho ao admitir o que um judaizante queria, que houvesse um seguimento pleno da Lei para se salvar, é impossível.²⁰⁵ Portanto, é

²⁰¹ JEWETT, 2008, p. 494-495.

²⁰² Es importante notar que lo que se opone a la ley de los judíos, no es simplemente Cristo o la muerte de Cristo, sino más exactamente la cruz de Cristo. Pablo no pretende decir que solamente Cristo es el que nos salva o que Cristo nos salva por su muerte. Entre el mensaje de los judíos y el mensaje opuesto hay una oposición cuyo tema es la cruz. Los judíos no quieren la cruz y los verdaderos creyentes quieren la cruz. (COMBLIN, 1995, p. 69. Tradução nossa).

²⁰³ DUNN, 2011, p. 271.

²⁰⁴ Rm 8,31-39.

²⁰⁵ DUN, 2011, p. 145.

nessa causa que há a verdadeira intercessão mesmo que o cristão falte em suas obras diante de Deus.

Dunn ainda fala dessa profundidade de identidade provocada por esse pensamento tribal. Quando se compreende que a cruz era um axioma tão fundamental para o cristão, quanto a circuncisão para o judeu.²⁰⁶ A identidade era algo fundamental, para os judeus, mas a nova criação em Cristo não poderia depender mais de uma identificação com a Lei abraâmica, mas ter confiança no crucificado e viver conforme o amor Daquele que se entregou na cruz.

Em suma, dentro da perspectiva paulina na morte de Jesus na cruz o efeito salvífico é real. Ela rompe com o caráter restritivo do judaísmo que exigia a circuncisão e o seguimento estrito da Lei. Compreende-se que o homem é falho e o seguimento estrito da Lei não pode salvar. Não são mais as obras ditadas pela Torá que justificarão o ser humano caído, mas a graça de Deus que se opõe à Lei como maldição, para ser motivo de justiça por todos.

3.3 A CRUZ E A DESUNIÃO

A partir do orgulho aparecem também as divisões na comunidade. O normal é que a partir do orgulho surja a necessidade de se destacar, de estar certo, o que faz com que emergjam facções, a divisão é tida como um contratestemunho e extremamente contrária aos ensinamentos cristãos.

Esse problema também se evidencia na Primeira Carta aos Coríntios.²⁰⁷ O surgimento de quatro grupos diversificados fez emergir as diferentes influências que esta comunidade recebeu e, que em pouco tempo, foi-se dividindo. A divisão aconteceu principalmente por uma questão de identificação em relação àqueles que eram mais afins de Paulo, o fundador da comunidade. Outros se encantavam com a pregação de Apolo, que era um pregador eloquente. Havia também os que se identificavam com Cefas como a primeira figura das comunidades cristãs. E, por último, os de Cristo, que tinham origem palestinese e, provavelmente, conheceram Jesus.²⁰⁸

O problema dessa divisão surge, principalmente da questão da autoridade. Quando não se há um consenso entre os líderes, a

²⁰⁶ DUNN, 2011, p. 466.

²⁰⁷ 1Cor 1,10-12.

²⁰⁸ GONZÁLEZ-RUIZ, 1980, p.62.

comunidade não consegue se unir sob uma autoridade, ao qual podem confiar sua fé.²⁰⁹ Assim, Paulo recebe a mensagem da comunidade de Corinto, e constata nela a dificuldade dos seus membros, de perceber de onde deveria vir a autoridade. Falta naquela comunidade, a maturidade para perceber que toda autoridade vem de Deus.

Paulo ao admoestá-los pergunta se “Cristo estaria assim dividido? Paulo teria sido crucificado em nosso favor?”²¹⁰ Só há uma Igreja, pois só há um fundador que morreu por todos. Adriano afirma que a primeira questão confronta os seus interlocutores com as consequências destas divisões. Ou ainda que sua identidade como cristãos estava baseada somente em um pregador, ou aquele que anunciou o evangelho era responsável pela salvação, e não o autor de tudo isso, o Cristo crucificado?²¹¹

O apóstolo reage a essa situação de fragmentação da comunidade Coríntia anunciando a palavra da cruz como remédio.²¹² Ele constrói uma retórica especial a partir do anúncio do evangelho da cruz de Cristo onde anuncia a unidade. A religião não é meio de busca de sabedoria para se viver no mundo, muito menos, uma busca de se justificar por meio de ritos diante de Deus. Ao contrário, a religião que segue a teologia da cruz faz uma divisão somente entre aqueles que por ela são tocados, pois estes conseguem ver a obra salvadora de Deus e não a mera divisão partidária,²¹³ como era o caso da comunidade de Corinto.

Assim, Paulo continua seu discurso e usa a palavra da cruz para construir a unidade na comunidade cristã. Como é observável logo a seguir:

Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim

²⁰⁹ COUSAR, 1990, posição 445. E-book.

²¹⁰ 1Cor1,13a.

²¹¹ ADRIANO FILHO, 2015/2, p. 438.

²¹² 1Cor 1,17-18.

²¹³ WILLIAMS, 2003, p. 121.

de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus. Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, se glorie no Senhor.²¹⁴

Por meio da palavra anunciada da cruz, cada cristão da comunidade coríntia era chamado por Deus para confiar no crucificado, não importava se tinha ou não alto poder aquisitivo, se era sábio ou de pouca inteligência. A palavra da cruz não está ligada às condições de cada um, quanto ao aspecto social, mas sim na salvação de todos.²¹⁵ Ela funciona como um meio unitivo, haja vista que um só morreu na cruz para a salvação de todos.

Na carta deuteropaulina de Efésios, o autor usa de forma ainda mais acentuada essa função unitiva da cruz ao afirmar que Cristo é a paz para a humanidade e de todos os povos constitui um único povo. Jesus cria em si um homem novo ao suprimir a inimizade da carne – divisões mundanas - “estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, por meio da cruz, na qual matou a inimizade.”²¹⁶

Retomando a Primeira Carta aos Coríntios, o capítulo terceiro recupera a questão da divisão.²¹⁷ A partir desse ponto, Paulo menciona as facções, porém descartando-as. Ele não consegue se identificar com nenhuma delas, pois já está nivelado com o crucificado. Essas divisões só geram lutas e impedem o crescimento do cristão, mantendo-os somente como pessoas da carne.²¹⁸

Dessa forma, o apóstolo apresenta o discurso da cruz como resposta às divisões que ameaçavam a unidade da comunidade. Ele lembra que o anúncio da cruz transformou as vidas das comunidades e deram sua resposta afirmativa a esse anúncio, ao afirmar o sim ao crucificado, eles deixaram de ser aqueles que perecem e tornaram-se aqueles que aceitaram a salvação e, dessa forma, salvos.²¹⁹ A palavra da cruz é, dessa forma, a fundadora da comunidade, enquanto a mesma comunidade encontra ali sua identidade.

²¹⁴ 1Cor 1,26-31.

²¹⁵ WILLIAMS, 2003, p. 121.

²¹⁶ Ef 2,15c-16.

²¹⁷ 1Cor 3.

²¹⁸ WILLIAMS, 2003, p. 120.

²¹⁹ ADRIANO FILHO, 2015/2, p. 439.

Portanto, a cruz também é uma resposta ao problema da divisão nas comunidades. Quando a vontade de ser maior que o Senhor ou de se identificar com apenas uma parte da vida cristã se sobressai, a cruz surge para mostrar que deve sempre existir uma unidade no corpo de Cristo. Um só morreu por todos e pela cruz a inimizade é morta²²⁰ para formar um só corpo no Espírito, sem identificações extras a não ser com a cruz.

3.4 A CRUZ NA PARTICIPAÇÃO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

Por último, não necessariamente como um problema, mas parte importante da hermenêutica da cruz, está a participação dos sofrimentos de Cristo. Paulo, antes do cântico que está na Carta aos Filipenses²²¹ exorta à comunidade: “tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus”.²²² E, nesse cântico, ele anuncia a obediência de Cristo até a morte na cruz. Ulteriormente, o apóstolo lembra que eles devem permanecer nessa obediência.²²³

É claro que a participação nos sofrimentos de Cristo não se encontra somente nessa passagem, mas, também na Carta aos Romanos.²²⁴ As passagens que trazem esta participação nos sofrimentos do Senhor são respostas de um misticismo próprio do apóstolo do *estar em Cristo*. Elas são respostas de Paulo às comunidades, que ao passarem por sofrimentos, os vivam como o Messias, em prol da salvação de todos.²²⁵

Essa imitação é encontrada na Primeira Carta aos Tessalonicenses, quando Paulo admoesta para que os seus interlocutores sejam seus imitadores e imitadores de Cristo, o Senhor.²²⁶ Assumir os sofrimentos é também seguir na mimetização de Jesus. Ao longo da

²²⁰ Ef 2,16.

²²¹ Fl 2, 6-11.

²²² Fl 2, 5.

²²³ Ef 5,1-2.

²²⁴ Cf. Rm 6,1-11.

²²⁵ DAVEY, Wesley Thomas. Playing Christ: participation and suffering in the letters of Paul. **Currents in Biblical Research**, Califórnia, EUA, v. 17 (3), n.1, p. 306-331, abr. 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1476993X19838471>>. Acesso em 10 jul. 2021. p. 307.

²²⁶ 1Ts 1,6.

carta ele afirma que o anúncio do Evangelho foi, muitas vezes insultado, por causa de sua pregação.²²⁷ O que mostra que ele por primeiro imitou a Cristo e a própria pregação vai moldando o assumir esse crucificado, pregar o evangelho só é possível diante do testemunho da vivência em e como o Senhor.

A pregação muitas vezes encontra conflito e negação. A mensagem da cruz é ilógica ao mundo, mas para o cristão não é só a pregação que assume essa característica e, sim, através do batismo assumir Cristo na sua vida. O viver daquele que segue Cristo é de imitação na obediência, como já exposto, e também sabendo que esse sinal da cruz,²²⁸ de onde suporta como Jesus e em seu espírito as dificuldades do mundo presente entendendo-se como já livres por Cristo.

Paulo a constrói como um modo próprio do viver cristão. Se é pedido ao que se converte para que tenha os mesmos sentimentos de Cristo, isso inclui também o fato de morrer para o mundo através do batismo,²²⁹ crucificando o seu velho homem, para viver de forma renovada.²³⁰ Assim como Cristo morreu obedientemente de forma tão humilhante,²³¹ também o cristão deve ser obediente à vontade do Senhor e formar a sua comunidade com base nessa ética.²³² Como mesmo afirma Hamerton-Kelly:

Receber o evangelho é *ser crucificado com o Cristo* (Χριστῷ συνεσταύρωμαι) (Gl 2,19; Rm 6,6), ou seja, identificar-se mimeticamente com o crucificado.²³³

O batismo transforma aqueles que se convertem e dá a eles novas vestes, significando que são novas criaturas. A nova veste é o próprio Cristo; nos dizeres de Paulo: “[...] pois todos vós, que fostes batizados

²²⁷ 1Ts 2,2.

²²⁸ MALCOLM, 2021, p. 440.

²²⁹ Rm 6,3

²³⁰ Rm 6,6.

²³¹ Fl 2,8.

²³² MONAGHAN, Christopher J. Pablo apóstol y la Pasión de Jesús. In: MERINO, Luis D.; RYAN, Robin; LIPPI, Adolfo (eds). **Pasión de Jesucristo**. Madrid: San Pablo. 2015. p. 745-756. p. cit. 746.

²³³ HAMERTON-KELLY, 2012, p. 129.

em Cristo, vos vestistes de Cristo.”²³⁴ Assim, participante da nova criação, a comunidade é chamada a se entregar no serviço e na doação aos outros, na perspectiva do próprio Cristo, de quem está revestida, isso é em uma perspectiva cruciforme.²³⁵ Isto se dá na estrega total de si, no padecer pelos sofrimentos dos outros, buscando incessantemente os levar a libertação das amarras do pecado, tal como Jesus o fez.

Como já afirmado, o cristão é banhado em Cristo, a partir desse banho ele carrega em si o doce odor do Senhor. Sua vida deve levar as pessoas a perceberem que no cristão há algo diferente como verdadeiramente salvos e, por terem reconhecido no crucificado o salvador, diversos daqueles que se perdem.²³⁶ Esse odor de distinção se dá principalmente na identificação com o único capaz de salvar e manter toda a vida em Cristo.

Mas ser novo em Cristo põe a comunidade numa difícil tensão: enquanto a morte de Jesus é a reconciliadora do mundo e da humanidade o mundo é tudo menos reconciliado.²³⁷ Os cristãos devem viver em um mundo dividido, onde os poderes do pecado e da morte ainda estão em ação e onde os cristãos serão necessariamente apanhados nessa luta para trazer a nova criação ao nascimento.²³⁸

Viver essa dicotomia de saber que se é salvo²³⁹ e de ver um mundo que ainda não conheceu a libertação e está preso às antigas rivalidades é parte inicial do sofrimento do cristão. A comunidade é chamada a ser embaixadora²⁴⁰ e comunicadora dessa libertação a um mundo que não compreende a mensagem do Evangelho.

Esse sofrimento deve ser vivido e entendido como parte do processo da nova Criação. Assim o apóstolo convoca para que os cristãos se ofereçam como sacrifícios vivos, em todas as suas aflições corporais e espirituais.²⁴¹ Assim como Jesus sofreu por amor, a comunidade deve transformar suas aflições pelo amor e sofrer em Cristo.²⁴² Esse padecer não é meramente diante do mundo, mas como

²³⁴ Gl 3,27.

²³⁵ MONAGHAN, 2015, p. 746.

²³⁶ 2Cor 2,14-15.

²³⁷ 2Cor 5,18-19.

²³⁸ MONAGHAN, 2015, p. 747

²³⁹ Rm 5,18.

²⁴⁰ Rm 5, 20.

²⁴¹ Rm 6,13.

²⁴² MONAGHAN, 2015, p. 747.

sinal também ao mundo de que já rejeita toda obra que vai contra os desígnios de Deus.

E assim voltamos à Carta aos Filipenses, que apresenta o sofrer em Cristo como o meio próprio do cristão padecer. É fundamental que se mantenha unido naquele pelo qual se abandonou a vida antiga, sabendo dessa forma que só nele encontrará consolação.²⁴³ Não é somente sofrer em Cristo por causa da dicotomia, mas a união também se fundamenta na íntima união com o Salvador.²⁴⁴ Desta forma, a comunidade passa pelo seu processo de identificação com o Senhor.

A crucificação molda a identidade do povo de Deus e funciona como a base para a sua vida comunitária e o seu entendimento individual. [...] a comunidade cristã é o povo da cruz. Na história da morte de Jesus pregada nas suas assembleias e celebrada nas ceias do Senhor, eles anunciam quem eles são e como estão vivendo.²⁴⁵

O partir do pão²⁴⁶ é atualizar a morte do Senhor até que ele venha. A comunidade cristã é a nova aliança que, se formando em torno do crucificado, leva o amor doado na cruz ao mundo. A comunidade é chamada a se alegrar na esperança e padecer com paciência, não porque Paulo gloriava o sofrimento, mas porque por ele o povo de Deus se configurará mais e mais à mensagem da cruz pregada.

Por conseguinte, a cruz tem essa dimensão de redimensionar o sofrimento humano. Tomá-la para si é parte da vida do cristão que em seu sentido mais místico é estar nele, imitando-o. Pelo batismo o fiel é convidado a assumir esse crucificado por inteiro na sua vida, assim ser também nova criatura. Por isso, o cristão entende o sofrimento como processo da nova criação assumida no batismo. Enquanto comunidade, seus sofrimentos mostram também sua identidade como comunidade da cruz que encontram na ceia sua maior expressão e consolação.

²⁴³ Fl 2,1-4.

²⁴⁴ DAVEY, 2019, p. 316-317.

²⁴⁵ The crucifixion shapes the identity of the people of God and functions as the basis for their communal and individual self-understanding.[...] the Christian community is a people of the cross. In the story of Jesus' death preached in their assemblies and celebrated at the Lord's Supper, they announce who they are and discover how they are to live. (COUSAR. 1256-1259. Tradução nossa).

²⁴⁶ 1Cor 11,25.

CONCLUSÃO

De fato, a cruz é escândalo para os judeus e loucura para os gentios²⁴⁷ e essa sentença só se confronta melhor quando se compreende o contexto onde ela foi pronunciada. Como pôde-se ver a partir da exposição histórica no contexto do império romano, com forte cultura grega e uma grande absorção de outras culturas, observou na condenação à cruz a pior forma, reservada somente aos escravos e outros que não eram cidadãos romanos. Já do lado judaico, a condenação sob um madeiro era uma maldição divina e algo impensável sofrido pelo Messias esperado.

A partir dessa escandalosa expressão da salvação Paulo faz o anúncio do Evangelho. O uso de expressões derivadas da crucificação do Senhor é enfatizado na Primeira Carta aos Coríntios, na Carta aos Gálatas, mas permeia também de forma bastante expressiva em quase todas as cartas. O apóstolo usa a cruz como a única pregação possível para se expressar a salvação e como isso deveria guiar a vida de cada um que desejasse ser batizado e fazer parte da comunidade cristã.

Além de expressões propriamente relacionadas à cruz, Paulo usou elocuições com cunho sacrificial demonstrando um forte apelo de uma visão que na cruz o redentor sacrificou-se a si mesmo em prol da humanidade. Para isso, foi visto que no entendimento cristão, a partir do que afirmava o apóstolo, o ser humano estava condenado à escravidão ao pecado e por consequência, à morte. Mas pela morte de Cristo na cruz e também sua ressurreição, teve esse caráter de sacrifício redentor capaz de libertar da escravidão e chamar para a vida.

A cruz, então, torna-se uma forma de expressar a salvação. Por ser um signo tão agressivo aos costumes da época, Paulo fez uso dela para expressar a profundidade da mudança proporcionada por Cristo pela sua Paixão, Morte e Ressurreição. Ele construiu toda uma nova linguagem, a da cruz para expressar a revelação divina feita por meio de Jesus. Essa linguagem é meio propício para o cristão compreender o evangelho pregado pelo apóstolo, mas além disso, é chave hermenêutica para observar o mundo e, assim apresentar-se a ele.

Com esse evento, que se atualiza a cada pregação perpassada pela linguagem da cruz, há uma abertura de Deus ao se revelar no seu filho, que na cruz mostra-se humano, mas também divino. E, a partir do Cristo, compreende-se a grandeza de Deus que se abaixa em seus

²⁴⁷ 1Cor 2, 23.

atributos: liberdade, sabedoria, poder, fidelidade, imutabilidade, justiça e amor.

O último aspecto abordado no trabalho foi a pregação a partir dessa teologia da cruz. Essa teologia é o elemento central de toda a pregação que não é somente fala abstrata, mas passa pelo testemunho de vida. Assim, a cruz é referência da vida da Igreja. Ela se torna o critério que julga a pregação, a vivência comunitária e pessoal e que além do julgamento, é libertadora de todos os vícios que impedem a comunidade de viver a doação e entrega no amor a exemplo do próprio Senhor. Logo, Paulo leva a cruz como critério diante de alguns problemas comunitários que nesta pesquisa foram destacados como, o orgulho, a Lei e as divisões na comunidade.

Diante do orgulho pode-se afirmar que ele estava intrinsecamente impresso na identidade do império romano e seu sistema de honras que garantiam a eternidade. Já da parte judaica, ele é parte da autocompreensão de ser justo por seguir as tradições e se orgulhar dessa identidade. Mas na comunidade cristã de Corinto havia a crença de um orgulho baseado numa retórica mais elaborada como garantia de assertividade na pregação. Para isso, Paulo responde afirmando que seu orgulho está em suas fraquezas e que cada cristão deveria buscar na identificação com Jesus o ver nas suas misérias, o motivo de força maior.

Com relação ao problema da Lei, o destaque estava na busca de um manter-se ligado às leis judaicas que impediam até a expansão da pregação. Essa fixação consistia na busca de uma justificação, do tornar-se justo, somente no seguir a Torá, o que acarretava numa desconsideração da obra realizada por Cristo. Ao exigirem que os de origem gentia seguissem a Lei, significava não compreender que ela já não possuía mais o apelo pedagógico de voltar os corações para Deus e que esse apelo passava pela identificação com a cruz de Cristo.

Com base nesses dois problemas, a comunidade se encaminha para a terceira dificuldade que é a divisão. A identidade cristã deve estar fundada na cruz e não a um pregador, a sua honra, ou à Lei que já não tem mais força de converter. A comunidade não deve se dividir pois, um só morreu por todos, para salvar a todos, Ele por acaso estaria dividido?²⁴⁸ Só há uma cruz e um único fundador, por isso a comunidade deve permanecer unida, apesar das diversidades.

²⁴⁸ 1Cor 1,13.

O último tema tratado foi a questão da cruz com os sofrimentos de cada cristão. Paulo demonstra isso como uma forma de participação do padecimento de Jesus na cruz que é próprio de um misticismo baseado na cruz que busca sempre estar em Cristo. Isso se dá por meio da imitação do Senhor levada ao extremo na obediência, como modo próprio do viver cristão. Esse que pelo batismo deve entender-se identificado com o seu Salvador, por isso, participante da nova criação. Por fim, essa participação nos sofrimentos de Cristo toma verdadeiro sentido na comunidade reunida que parte o pão e relembra o sacrifício do Senhor e traz à reunião os seus sofrimentos para a partilha.

Com vista em tudo o que foi explorado neste trabalho, pode-se afirmar que o objetivo desta pesquisa foi alcançado ao compreender a teologia paulina da cruz como chave hermenêutica para a pregação pastoral do apóstolo Paulo. Com as etapas de contextualizar a cruz, apresentar a teologia paulina e verificar a aplicabilidade como resposta aos problemas pastorais, foram os meios aplicados para conseguirmos alcançar este objetivo. Assim, pode-se afirmar que a cruz foi aperfeiçoada pelo apóstolo que fez uso desse ponto central da sua teologia e fundamento para a pregação pastoral.

Em relação às dificuldades encontradas neste trabalho, pode-se assinalar uma falta de estudos aprofundados com relação à praticidade de uma teologia da cruz. Quando se trata da demonstração de como Paulo utilizou o signo do crucificado para a vivência pastoral, são poucos os temas abordados de forma exaustiva. Conclui-se que, geralmente, pouco se sublinha de um tema que para o apóstolo era muito caro.

E a partir disso, é possível de observar uma atualização da pregação paulina da cruz. De um lado, pela justificativa do trabalho, comentou-se de um afastamento da cruz por parte de muitas comunidades cristãs e um apego à teologia da prosperidade, esquecendo da união possibilitada em Cristo crucificado e que nele está a resposta da vida e não nos bens materiais, ou no bem-estar emocional proporcionado atualmente pela catarse dos movimentos coachings. Por outro lado, nas comunidades fundamentalistas há uma alienação ou um favorecimento de uma resignação com relação ao sofrimento que impede às pessoas de buscarem o melhor para si e para a sua comunidade, acreditando até que o sofrimento é desejo e desígnio de Deus.

Assim, conclui-se que a pregação pode ser desvirtuada de várias formas pelo afastamento que esquece o motivo da salvação, ou pela aproximação sem um discernimento da cruz. Mas quando se busca a

história do próprio apóstolo, entende-se que a cruz é elemento sem o qual não há pregação do Evangelho. No relato dos Atos dos Apóstolos²⁴⁹ o próprio Paulo prega sem a cruz e esse anúncio não tem efeito, mas em outra tentativa ao anunciar o crucificado encontra nele a força transformadora dos corações. Logo, o próprio apóstolo nos ensina a necessidade de uma pregação que tem como centro a cruz, seu contexto, a teologia e a própria pregação.

²⁴⁹ At 17-18.

REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. The word of the cross, power and wisdom of God: a study of 1 Corinthians 1-4. **Reflexus**: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória, ano IX, n. 14, p. 433-448, 2015/2. Disponível em: < <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/311>>. Acesso em: 15 set. 2021.

ALETTI, Jean-Noël. La cristologia delle lettere paoline: status quaestionis e nuovi orientamenti **Epistolario paolino**: Lettere ai Galati e ai Romani: seminario per gli studiosi di Sacra Scrittura, Roma, 23-27 jan. 2017. Roma: Istituto, p. 27-44.

BARBAGLIO, Giuseppe. **1-2 Coríntios**. Trad. Benôni Lemos e Patrícia G. E. Colina Bastianetto. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

_____. **La teologia di Paolo**: abozzi in forma epistolari. Bologna: Dehoniane, 1999.

BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo**: Vida, obra e teologia. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã, 2020.

BENTO XVI. **Audiência geral**: A importância da cristologia – a teologia da cruz. Vaticano 29 out. 2008. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081029.html>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOVER, Jose Maria. **Teologia de San Pablo**. 4. ed. Madrid: Editorial Católica, 1967. p. 284.

CASAGRANDE, Vera Lúcia Membrive. **A sabedoria da cruz de Cristo em 1Co 1,17-25**. 164p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: < https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tede_arquivos/19/TDE-2013-10-15T154633Z-2376/Publico/Vera.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de São Paulo**. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulinas, 1977.

CÍCERO. *Pro Rabirico*, 5, 16. In. MOLTSMANN, Jürgen. **El Dios crucificado**: la cruz de Cristo como base y crítica de toda teología Cristiana. Ed. 2. Trad. Severiano Talavero Tovar. Salamanca: Síguime, 1975.

COMBLIN, José. Pablo y la cruz de Jesús. **RIBLA**, Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, Quito, n. 20, p. 65-74, 1995.

COUSAR, Charles B. **Theology of the Cross**: The Death of Jesus in the Pauline Letters. Philadelphia: Augsburg Fortress Publishers, 1990. E-book.

DAVEY, Wesley Thomas. Playing Christ: participation and suffering in the letters of Paul. **Currents in Biblical Research**, California, EUA, v. 17 (3), n.1, p. 306-331, abr. 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1476993X19838471>>. Acesso em 10 jul. 2021.

DUNN, James D. G. **A nova perspectiva sobre Paulo**. Trad. Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **A teologia do apóstolo Paulo**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. Il messaggio dottrinale de Paolo. In: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altre lettere**. Torino: Elledici, 2012. p. 583-623.

FABRIS, Rinaldo. Inno cristologico (Col 1,15-20). In.: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altre lettere**. Torino: Elledici, 2012. p. 497-510.

GIAVANI, Giovanni. **Gálatas**: liberdade e lei na Igreja. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulinas, 1987.

GONZÁLEZ-RUIZ, José M. **O evangelho de Paulo**. Trad. de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1980.

GREEN, Joel B. Crucificação. In: HAWTHORNE Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo, SP: Paulus; São Paulo, SP: Vida Nova; São Paulo, SP: Loyola, 2008. p. 353-354.

HAMERTON-KELLY, Robert G. **Violência sagrada**: Paulo e a hermenêutica da cruz. Trad. Maurício G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2012.

HENGEL, Martin. **The cross of the son of God**: containing: son of God, crucifixion, the atonement. Trad. John Bowden. London: SCM Press, 1986.

HERIBAN, Jozef. Inno Cristologico. In.: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altere lettere**. Torino: Elledici, 2012.

HORSLEY, Richard. **Paulo e o império**: religião e poder na sociedade imperial romana. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.

JEWETT, Robert. Paulo, a vergonha e a honra. In: SAMPLEY, J. Paul (org.). **Paulo no mundo greco-romano**: um compêndio. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2008. p. 485-504.

KÄSEMANN, Ernst. **Perspectivas teológicas**. Trad. de Benôni Lemos. 2 ed. São Paulo: Teológica, 2003.

LÓPEZ, Rolando. La Cruz en 1 y 2 Corintios: Cartas desde la práctica de las comunidades. **RIBLA**, Revista de Interpretacion Biblica Latinoamericana, Quito, n. 20, p. 99-114, 1995.

LUZ, Ulrich. Theologia crucis als Mitte der Theologie im Neuen Testament. **Evangelische Theologie**, vol. 34, no. jg, 1974, pp. 116-141. Disponível em: < <https://doi.org/10.14315/evth-1974-jg12>. >. Acesso em: 21 jan. 2022.

MARCUS, Joel. Crucifixion as parodic exaltation. **Journal of Biblical Literature**, Atlanta, EUA, v. 125, n. 1, p. 73-87. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/27638347> >. Acesso em 14 jan. 2022.

MARGUERAT, Daniel. Introdução. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando S. Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 11-23.

MALCOLM, Lois. Apocalyptic birth pangs: the cross, corporeality, and epiphanic manifestation in apostolic practice. **Studies in Christian Ethics**, v. 34, p. 439-454, 202. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/09539468211031469?journalCode=scea>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MCGRATH, A. E. Teologia da cruz. In: HAWTHORNE Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara T. Lambert. São Paulo, SP: Paulus Editora; São Paulo, SP: Edições Vida Nova; São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008. p.354-361.

MONAGHAN, Christopher J. Pablo apóstol y la Pasión de Jesús. In: MERINO, Luis D.; RYAN, Robin; LIPPI, Adolfo (eds). **Pasión de Jesucristo**. Madrid: San Pablo. 2015. p. 745-756.

NELSON, David. The Word of the Cross and Christian Theology: Paul's Theological Temperament for Today. **Theology Today**, Nova Jersey, EUA, v. 75(I), n.1, p. 64-76, abr. 2018. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0040573618763572> > Acesso em 20 nov. 2020.

PENNA, Romano. **L'apostolo Paolo**: studi di esegesi e teologia. Milão: Edizioni Paoline, 1991.

PEREIRA, Leonardo I. **Análise retórico-literária de 1 Cor 1, 18-25**, A palavra da cruz. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Teologia Bíblica, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2013-2014.

PITTA, Antonio. **L'evangelo di Paolo**: introduzione alle lettere autorale. Torino: Elledici, 2013.

PLATNER, Samuel B.; ASHBY, Thomas. Topographical dictionary of Ancient Rome. In: CRANE, Gregory R. (Ed). **Perseus digital library**. Disponível em < <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0054:id=campos-esquilinus> >. Acesso em: 21 mar. 22. Não paginado.

REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. Trad. de Tiago J. R. Leme. São Paulo: Paulus, 2012

SANTOS, Carlos A.; CORREA, Denis R. Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo. **Revista Jesus Histórico**, v. 8, n. 14, p. 68-87, 2015. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/315372142/FRONTEIRAS-ENTRE-MESSIANISMO-JUDAICO-ANTIGO-E-CRISTIANISMO-PRIMITIVO> >. Acesso em: 29 jan. 22.

SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altere lettere**. Torino: Elledici, 2012.

SCHNELLE, Udo. O presente da salvação, centro do pensamento paulino. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando S. Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011. p. 337-362.

SCHWEITZER, Albert. **O misticismo de Paulo**. Trad. Paulo e Judith Arantes. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

SILVA, Severino Celestino. SILVA, Valmor. O messias no judaísmo e no cristianismo. **Caminhos**. Goiania, v. 15, n. 2, p. 249-267, 2017. Disponível em

< <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035/3392> >. Acesso em 27 jan 2022.

SILVANO, Zuleica A. O “sacrifício” nas cartas protopaulinas. *Estudos Bíblicos*. São Paulo, v. 33, n. 129, 111-118, 2016. p. 116-117. Disponível em: < <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/150/151>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SLOYAN, Gerard S. **Por que Jesus morreu?** trad. Cristina P. Lopes. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUZA, Rodrigo F. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. **Revista USP** [S. l.], n. 82, p. 8-15, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i82p8-15. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13746> >. Acesso em: 29 jan. 2022.

VALLAURI, Emiliano. La gloria dell’umiliazione (2Cor 12,1-10). **Epistolario paolino**: In: SACCHI, Alessandro. **Lettere paoline e altre lettere**. Torino: Elledici, 2012, p. 369-379.

WICHER, Edward A. Ancient Jewish views of the Messiah. **The Biblical World**. n.5, v. 34, 1909. p. 317-325. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/3141950> >. Acesso em 29 jan. 2022.

WILLIAMS, Drake. Living as Christ crucified: the cross as a foundation for Christian ethics in 1 Corinthians. **Evangelical Quarterly: An International Review of Bible and Theology**, v. 75:2, 2003, p. 117-131. Disponível em: <https://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/2003-2_117.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

ZUMSTEIN, Jean. A cruz como princípio de constituição da teologia paulina. In: DETWILLER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel. **Paulo**, uma teologia em construção. Trad. Orlando S. Moreira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2011.